

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Curso de Mestrado



Dissertação

O ditongo nasal em dados de escrita inicial

Natália Lectzow de Oliveira

Pelotas, 2014

Natália Lectzow de Oliveira

O ditongo nasal em dados de escrita inicial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Ruth Moresco Miranda

Pelotas, 2014

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O48d Oliveira, Natália Lectzow de

O ditongo nasal em dados de escrita inicial / Natália
Lectzow de Oliveira ; Ana Ruth Moresco Miranda,
orientadora. — Pelotas, 2014.

90 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal
de Pelotas, 2014.

1. Aquisição da escrita. 2. Aquisição gráfica dos ditongos
nasais. 3. Fonologia. 4. Ortografia. I. Miranda, Ana Ruth
Moresco, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Natália Lectzow de Oliveira

O ditongo nasal em dados de escrita inicial

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. (Orientador)
Doutor em pela Universidade
.....

.....
Prof. Dr. (Orientador)
Doutor em pela Universidade
.....

.....
Prof. Dr. (Orientador)
Doutor em pela Universidade
.....

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dr^a Ana Ruth Moresco Miranda, pelo conhecimento
partilhado, pelas leituras críticas, pelas sugestões e contribuições
que concretizaram este estudo.

Às professoras da Banca de Qualificação, Dr^a Carmen Lúcia Matzenauer
(UCPel), Dr^a Ana Paula Nobre da Cunha (UFPel) e Dr^a Marta Nörnberg (UFPel), pela
leitura atenta e pelas importantes sugestões oferecidas para o desenvolvimento e
aprimoramento desta dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação – da
Universidade Federal de Pelotas, pela possibilidade de ter contribuído para o meu
crescimento.

Às colegas de Curso, principalmente à Rosiani e à Marceli, pelas palavras de
carinho, pelos abraços, pelas conversas nos momentos difíceis e, em especial, pela
amizade cultivada.

Por fim, agradeço à minha mãe, à minha irmã Jordana e ao meu pequeno sobrinho
Murilo. Sem o apoio de vocês, esta etapa não seria por mim realizada. Muito
obrigada por estarem comigo sempre, compreendendo todas as adversidades por
mim enfrentadas e incentivando-me a ser forte em todas as circunstâncias.

Obrigada, Murilo, pela alegria que me proporcionas sempre que te vejo.

Vocês são a minha vida. Amo-os incondicionalmente.

RESUMO

OLIVEIRA, Natália Lectzow de. **O ditongo nasal em dados de escrita inicial**. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

Este estudo descreve e analisa os erros ortográficos referentes à grafia dos ditongos nasais em posição final de palavra a partir da análise de 2.024 textos produzidos espontaneamente por crianças pertencentes à primeira, segunda, terceira e quarta séries do ensino fundamental de duas escolas, uma pública e uma particular, da cidade de Pelotas/RS. Para a pesquisa, é realizada a descrição e a análise dos dados, com base em uma investigação qualitativa, selecionando as variáveis linguísticas e extralinguísticas definidas para este estudo. A partir de tal processo, a pesquisa revelou que os ditongos nasais sofrem diferentes alterações em relação à grafia, predominando os erros de desnasalização na escola pública e a manutenção na nasalidade em desacordo com a norma (-ão em detrimento de -am) na escola particular. Além disso, a análise dos dados mostrou que, em escrita inicial, as alterações gráficas em relação ao o ditongo predominam nos verbos. Ainda, os resultados evidenciaram que a segunda série apresenta maior concentração de erros no que se refere à grafia do ditongo nasal, em ambas as escolas, provavelmente, porque é em tal fase de aquisição que a criança evidencia a influência do letramento e da oralidade. Tais resultados tornam-se relevantes para as pesquisas que envolvem aquisição da escrita, pois refletem questões concernentes ao conhecimento linguístico da criança em fase de escrita inicial no que se refere à grafia dos ditongos nasais.

Palavras-chave: aquisição da escrita; aquisição gráfica dos ditongos nasais; fonologia; ortografia

ABSTRACT

OLIVEIRA, Natália Lectzow de. **O ditongo nasal em dados de escrita inicial**. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

This study describes and analyzes the spelling mistakes regarding spelling of nasal diphthongs in word -final position from the analysis of 2,024 texts produced spontaneously by children belonging to the first, second, third and fourth grades of primary education in two schools, one public and particular, the city of Pelotas / RS. For research, the description is performed and the data analysis, based on a qualitative research by selecting the linguistic and extralinguistic variables defined for this study. From this process, the research revealed that the nasal diphthongs undergo different changes to the spelling errors desnasalização predominating in public school and in the maintenance nasality at odds with the norm (rather than -ão -am) in school particular. Furthermore, analysis of the data showed that in the initial writing, the graphic changes in relation to the diphthong predominate in verbs. Still, the results showed that the second series has a higher concentration of errors with regard to the spelling of the nasal diphthong, in both schools, probably because it is in such an acquisition phase that the child demonstrates the influence of literacy and orality. These results become relevant to research involving the acquisition of writing, they reflect issues pertaining to the linguistic knowledge of the child in the initial stages of writing with regard to the spelling of the nasal diphthongs.

Key words: writing acquisition; writing acquisition of nasal diphthongs; phonology; spelling

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Excerto do texto com a palavra ‘tentaro’ e ‘temtaro’	23
Figura 2 - Excerto do texto com a palavra ‘lobesomo’	23
Figura 3 – Presença de segmento nasal na estrutura silábica	28
Figura 4(a)– Estrutura da sílaba nasalizada conforme a proposta de Mateus e Andrade (2000)	28
Figura 5 - Contrastes fonológicos.....	31
Figura 6 - Derivação do ditongo nasal por meio da nasalidade por estabilidade	32
Figura 7 – Nasalização por espraçamento	32
Figura 8 – Vocábulos com e sem presença de VT	32
Figura 9 – Exemplo de ilustração usada nas oficinas de coleta de textos	43
Figura 10 - Interface do ErrOrtog	45
Figura 11 - <i>Continuum</i> de oralidade/letramento	58
Figura 12 - Excerto do texto em que há as grafias ‘o’ e ‘am’	59
Figura 13 - Excerto do texto com a palavra ‘apagar’	62
Figura 14 - Excerto do texto com a palavra ‘fusir’	63
Figura 15 - Excerto do texto com a palavra ‘acha’ e ‘aicha’	64
Figura 16 - Excerto do texto com a palavra ‘morou’	66
Figura 17 - Excerto de texto com a palavra ‘ataquaom’	70
Figura 18 - Excerto de texto com a palavra ‘gostãm’	71
Figura 19 - Excerto do texto com palavras de -ão > -am.....	73
Figura 20 - Informação gráfica e informação fonológica.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Derivação do ditongo em nível lexical e pós-lexical	33
Quadro 2 – Representação da relação entre letra, som e fonema dos ditongos nasais.....	37
Quadro 3 – Quadro da coleta de textos em escola pública.....	42
Quadro 4 – Quadro da coleta de textos em escola particular	42
Quadro 5 – Quadro do total de textos por série nas escolas pública e particular.....	45
Quadro 6 (a) – Erros ortográficos referentes à grafia da nasal em relação à série em escola pública.....	51
Quadro 6 (b) – Erros ortográficos referentes à grafia da nasal em relação à série em escola particular	51
Quadro 7 – Dados referentes ao tipo de alteração observada nos verbos.....	53
Quadro 8 - Desnasalização dos ditongos na categoria dos verbos.....	53
Quadro 9 - Manutenção da nasal dos ditongos na categoria dos verbos.....	53
Quadro 10 - Outras grafias dos ditongos na categoria dos verbos	54
Quadro 11 (a) – Erros ortográficos em verbos: de -am> -o na escola pública	55
Quadro 11 (b) – Erros ortográficos em verbos: de -am> -o na escola particular.....	55
Quadro 12 (a) – Erros ortográficos de em verbos: -am> -Ø em escola pública	61
Quadro 12 (b) – Erros ortográficos de em verbos: -am> -Ø em escola particular	61
Quadro 13 – Erros ortográficos em verbos: de -am> -a em escola pública.....	63
Quadro 14 – Erros ortográficos em verbos: de ditongo nasal para ditongo oral em escola pública.....	65
Quadro 15 - Erros ortográficos em verbos: de -am> -ou em escola pública	66
Quadro 16 (a) – Total de ocorrências de erros ortográficos em verbos que envolvem desnasalização na escola pública	67
Quadro 16 (a) – Total de ocorrências de erros ortográficos em verbos que envolvem desnasalização na escola particular.....	67

Quadro 17 – Erros ortográficos em verbos: de -am> -ã na escola pública.....	69
Quadro 18 – Erros ortográficos em verbos: de -am> -ãn(m) na escola pública	69
Quadro 19 – Erros ortográficos em verbos: manutenção da nasalidade e do ditongo (-aõm e --eã) em desacordo com a ortografia em escola pública	70
Quadro 20 – Quantidade de erros ortográficos em verbos: de -am > -ão em escola pública e particular distribuídos por série	71
Quadro 21 - Erros ortográficos em verbos: de -am> -ão na escola pública	72
Quadro 22 - Erros ortográficos em verbos: de -am> -ão na escola particular	73
Quadro 23 – Erros ortográficos em verbos: de -am> -ar, -em> -er, -am> -as e -am> -a/ na escola pública	75
Quadro 24 - Agrupamento dos nomes por categorias.....	78
Quadro 25 - Erros presentes nos nomes quanto à série na escola pública	79
Quadro 26 - Erros presentes nos nomes quanto à série na escola particular	79
Quadro 27 - Agrupamento dos nomes por categoria	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 APORTE TEÓRICO	18
2.1 Aquisição da escrita pela criança.....	18
2.2 Relação entre fonologia e ortografia	22
2.3 Aspectos da nasalidade	27
2.3.1 Nasalização da vogal.....	27
2.3.2 Nasalização dos ditongos	30
2.3.3 Variação do ditongo nasal.....	34
2.3.4 Ortografia dos ditongos nasais	37
3 METODOLOGIA	39
3.1 Descrição geral da metodologia.....	39
3.2 Banco de textos BATALE	40
3.2.1 Coleta de textos do BATALE	42
3.2.2 Organização de textos no BATALE	44
3.3 Amostra analisada neste estudo.....	45
3.4 Análise qualitativa	46
3.5 Variáveis consideradas no estudo	47
3.5.1 Variáveis linguísticas	47
3.5.2 Variáveis extralinguísticas.....	48
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	50
4.1 Verbos	52
4.1.1 Dados de desnasalização.....	55
4.1.2 Dados de manutenção da nasalidade.....	68
4.1.3 Dados de outras grafias.....	75
4.2 Nomes	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

O interesse deste estudo, cujo foco incide na investigação de possíveis influências da fonologia e da variação linguística na escrita de crianças dos anos iniciais, é motivado pelo vínculo da professora pesquisadora com as áreas da Educação e da Linguística, precisamente, por entender que a melhora do desempenho do professor de língua materna possa estar relacionada aos resultados e às descobertas decorrentes do desenvolvimento de trabalhos científicos.

É importante salientar, ainda, que o estudo aqui proposto é motivado também pela prática docente da pesquisadora que, embora trabalhe com séries finais do ensino fundamental, observa alguns erros ortográficos na produção textual dos alunos. A fim de vislumbrar se há a ocorrência de tais erros na grafia de crianças, opta por estudar os erros em relação à nasalidade presentes na escrita inicial. Dessa forma, o enfoque deste estudo dá-se na escrita inicial, porém, motivado pela observação da prática docente, a qual ocorre em séries finais do ensino fundamental.

A partir de uma reflexão acerca dos erros ortográficos que, de certa forma, influenciam na qualidade da escrita dos alunos, pensa-se na situação educacional do país, já que a base para o letramento se dá nos níveis iniciais de escolarização. Com isso, a fim de garantir que todas as crianças e jovens do país tenham uma Educação Básica de qualidade, foi fundado, em 2006, o Todos Pela Educação, instituição que congrega diferentes setores da sociedade, com o objetivo de propiciar as condições de acesso, de alfabetização e de sucesso escolar, ampliar os recursos investidos na Educação Básica e melhorar a gestão desses recursos (BRASIL, 2006). Sob essa perspectiva, o Todos Pela Educação, “que tem como

missão contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o País assegure a todas as crianças e jovens o direito a Educação Básica de qualidade”, traça cinco metas:

- 1) toda criança e jovem de 4 a 17 anos na escola;
- 2) toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos;
- 3) todo aluno com aprendizado adequado a seu ano;
- 4) todo jovem de 19 anos com Ensino Médio concluído;
- 5) investimento em Educação ampliado e bem gerido.

Essa instituição, juntamente com a Fundação Cesgranrio, com o Instituto Paulo Montenegro e com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), realizou a Prova ABC (Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização), no ano de 2012, a qual teve por objetivo traçar um diagnóstico da alfabetização dos alunos nos primeiros anos do Ensino Fundamental, com base em exames de leitura, escrita e matemática¹.

Na prova de Escrita, os alunos de 2º e 3º ano produzem um texto, o qual é avaliado de acordo com três competências: adequação ao tema e ao gênero; coesão e coerência; e registro (grafia das palavras, adequação às normas gramaticais, segmentação de palavras e pontuação). Para que sejam obtidos os resultados da Prova ABC, a instituição Todos pela Educação avalia a prova escrita com base em uma escala que varia entre 0 e 125 pontos; 125 a 175 pontos e mais de 175 pontos. Nessa escala, o desempenho esperado dos alunos é de, no mínimo, 175 pontos em cada exame.

Conforme os resultados² expostos pela instituição, de acordo com a prova de 2012, em nível nacional, 43,3% dos alunos de 2º ano da rede pública de ensino estão entre 0 e 125 pontos; 34,3% estão entre 125 e 175 pontos. Os resultados obtidos por meio da prova do 3º ano indicam que 28,1% dos alunos obtiveram entre 0 e 125 pontos; 32,3% estão entre 125 e 175 pontos. Em relação à região sul, ainda no que se refere à Prova ABC, 43,4% dos alunos do 2º ano da rede pública estão entre 0 e 125 pontos e 36,6% entre 125 e 175 pontos. No 3º ano, 14,6% estão entre 0 e 125 pontos e 38,5% estão entre 125 e 175 pontos. Dessa forma, observa-se

¹ Para este estudo, interessam somente os dados referentes à escrita. Dessa forma, apenas tais dados serão considerados, a fim de elucidar questões concernentes ao panorama da alfabetização de crianças em séries iniciais.

² Estes resultados estão disponíveis em: <http://www.todospelaeducacao.org.br//arquivos/biblioteca/apresentacao_prova_abc_priscila_cruz.pdf>

que, em nível nacional, 77,6% dos alunos de 2º ano que realizaram a Prova ABC estão aquém do resultado satisfatório, bem como 60,4% de 3º ano. Na região sul, tem-se 80% dos alunos de 2º ano com, no máximo, 175 pontos e, no 3º ano, o resultado é de 53,1% dos alunos com resultados entre 0 e 175 pontos.

A partir dos resultados expostos, é possível observar que o desenvolvimento dos alunos está abaixo do esperado, o qual é de, no mínimo 175 pontos. De acordo com a escala, o aluno que obtém 175 pontos ou mais, é capaz de ler um texto e:

- identificar o tema com base na compreensão global do texto;
- localizar informação explícita em texto com vários personagens;
- identificar os diferentes personagens;
- estabelecer relações de causa/consequência entre as informações contidas no enredo;
- identificar características de personagens já que os alunos apresentam um baixo rendimento na principal fase do processo de escolarização: a primeira etapa do fundamental.

Conforme supracitado, os resultados obtidos por meio da Prova estão abaixo do esperado. Este fato pode estar relacionado com o que afirma Cagliari (1998, p. 63), ao argumentar que “nas aulas de alfabetização, muitas vezes, é dada uma ênfase muito grande ao processo de ensino, deixando-se, na prática, o processo de aprendizado relegado a um plano secundário”. O ensino, para o autor, baseia-se até o período em que redige seu estudo, final dos anos 90, na utilização de cartilhas que organizam o conteúdo partindo do que é considerado mais fácil para o mais difícil, fazendo com que o educando utilize elementos que já dominou de modo ordenado e lógico. Além disso, os métodos de ensino tendem a primar pela repetição de exercícios (ditados, leitura diante dos colegas, exercícios estruturais) na tentativa de que o aluno “aprenda” o que estava ainda duvidoso.

Já uma alfabetização focada no processo de aprendizagem, conforme Cagliari (1998), é aquela em que o aluno expõe suas ideias em relação ao que aprende, ou seja, a partir dos conhecimentos adquiridos. Dessa forma, o educando tem a iniciativa de dizer, escrever ou ler algo, tornando-se um sujeito mais autônomo em relação ao seu conhecimento, por isso, “deixar o aluno construir seus conhecimentos é fundamental como atividade própria do aluno. Ensiná-lo, ajudá-lo a progredir é também fundamental como atividade do professor e como objetivo que dá a razão de ser de uma escola” (CAGLIARI, 1998, p. 69).

Ao estar em contato com o processo de aprendizagem aliado à alfabetização, o aluno está sujeito a apresentar erros e acertos em sua manifestação de conhecimento. Dessa forma, é importante que o professor esteja ciente das motivações que envolvem os erros cometidos pelos educandos, já que, conforme Ferreiro e Teberosky (1999), o que superficialmente sugere um erro por desconhecimento da grafia correta, ou seja, a escrita de palavras e estruturas linguísticas em desacordo com o padrão escrito da língua, é, na verdade, um indício de que a criança conhece e faz uso de seu sistema linguístico. Para as autoras, as hipóteses conceituais provisórias que as crianças fazem sobre a escrita não são “erradas” ou caracterizam “falta de conhecimento”; devem ser consideradas como “erros construtivos”, uma vez que é um processo de atividade constante em que a criança está elaborando hipóteses e alargando seu campo de conhecimento linguístico.

Diante dos fatos expostos e de demais questões concernentes à fase de aquisição da escrita pelas crianças, estudos como os de Cagliari (1999), Moraes e Wetzels (1992) e Miranda e Matzenauer (2010), entre outros, embasarão este trabalho. Além dessas pesquisas, nas áreas da aprendizagem e da aquisição de linguagem escrita, estudos de Piaget (1972; 1976; 1996) e Ferreiro e Teberosky ([1979] 1999) auxiliam para a reflexão teórica deste trabalho. Deve-se considerar, também, pelo fato de o tema recair sobre os erros presentes nas grafias e observar-se a possível relação com o fenômeno fonológico desnasalização, presente em português brasileiro (PB), os estudos de Bisol (1998, 2010) e Battisti (1997) podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento deste trabalho.

Para a criança que está em fase de alfabetização, o momento da produção textual torna-se complexo, já que ela dá indícios de que forma está processando o conhecimento, manifestando-se por meio da escrita. Com isso, de acordo com a literatura, os textos espontâneos “podem ser reveladores da natureza de procedimentos epilinguísticos locais os quais, por sua vez, são vistos como indicadores da construção do sistema subjacente” (ABAURRE, 2011).

Os textos utilizados para a realização do presente estudo estão disponíveis no primeiro estrato do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE – FaE/UFPel), o qual é composto por 2.024 textos coletados ao longo de quatro anos (de 2001 a 2004) e produzidos por crianças com idades entre 8 e 12 anos que frequentavam as quatro primeiras séries do ensino fundamental de duas

escolas da cidade de Pelotas: uma pública e outra particular. As produções escritas foram realizadas de forma espontânea pelas crianças, por meio de oficinas.

A partir de levantamento realizado em textos escritos presentes no Banco, observou-se a presença de erros ortográficos relacionados à grafia do ditongo nasal em posição final. Dentre os erros encontrados, tem-se como exemplo as seguintes formas verbais: ‘pegaro’ para pegaram, ‘queimaro’ para queimaram, ‘fizero’ para fizeram. Além das formas verbais há, nos textos, a ocorrência de erro ortográfico em relação a formas nominais como ‘capis’ para capim, ‘fil’ para fim, ‘ninguei’ para ninguém, dentre outras.

Algumas pesquisas já analisaram a manutenção/perda da nasalidade enquanto fenômeno variável característico do português. Guy (1981) deteve-se no processo de desnasalização, enquanto Votre (1978) analisou a preservação do traço de nasalidade em final de palavra na fala do Rio de Janeiro. Ambos os estudos apontaram para o fato de a sílaba final, quando tônica, inibir a redução da nasalidade, ou seja, o processo de redução dá-se quando há uma sílaba átona em posição final de palavra. Em relação à redução da nasalidade, tem-se ainda estudos como os de Battisti (1997), Bopp da Silva (2005) e Schwindt e Bopp da Silva (2009).

Tendo em vista estudos prévios cujo foco recai sobre fenômenos que envolvem a nasalidade em relação à fala, é importante salientar que, conforme afirma Abaurre (2002), uma das hipóteses de a criança cometer erros ortográficos em fase de alfabetização é, justamente, pela associação entre os níveis fônicos e gráficos da língua, ou seja, “as crianças de um modo geral recorrem à oralidade para fazer várias hipóteses sobre a língua escrita” (ABAURRE, 2002, p. 140).

Embora alguns estudos tratem do processo de redução de nasalização na fala, são escassos os estudos que tratam do processo de desnasalização na escrita inicial de crianças. Assim, com o propósito de contribuir para com as discussões acerca da desnasalização em escrita inicial de crianças, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar os erros ortográficos referentes à grafia dos ditongos nasais na posição final de palavra em dados de escrita espontânea de crianças dos primeiros anos do ensino fundamental e discutir, de acordo com os dados encontrados, algumas questões pertinentes à fonologia do português.

Este estudo, em razão do tema explicitado e do objetivo geral formulado, tem como objetivos específicos:

- a) descrever e analisar os erros nas grafias referentes ao ditongo nasal em final de palavra;
- b) discutir a influência da classe gramatical sobre o fenômeno analisado;
- c) analisar o efeito da série e do tipo de escola nos erros encontrados;
- d) contribuir, a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, para a discussão acerca da natureza dos ditongos nasais em final de palavra na fonologia da língua e na aquisição da escrita.

Para que tais objetivos sejam atingidos, algumas hipóteses conduzirão a presente pesquisa, a saber:

- a) Que tipo de erro pode ser observado em textos infantis, em relação às grafias de palavras que são suscetíveis à desnasalização na fala dos brasileiros adultos?
- b) A classe gramatical (verbo ou nome) influencia na ocorrência do fenômeno analisado?
- c) Crianças de escola pública e crianças de escola particular apresentam diferenças em relação à grafia do ditongo nasal, especificamente no que tange ao processo de desnasalização?
- d) Qual a influência do avanço da escolaridade sobre as grafias analisadas?
- e) Os dados da escrita podem contribuir para as discussões fonológicas acerca da escrita dos ditongos nasais em final de palavra e do funcionamento da língua?

Esta dissertação compreende, além do primeiro capítulo – Introdução – outros quatro, os quais poderão vir divididos em seções e subseções. Na introdução, conforme já exposto, é realizada uma breve apresentação das razões que motivaram o desenvolvimento deste estudo, bem como os objetivos e as hipóteses que o nortearam.

O segundo capítulo – Aporte Teórico – é dividido em três seções. A primeira, intitulada “Aquisição da escrita pela criança”, aborda alguns aspectos que dizem respeito ao processo de aquisição da escrita. A segunda, “Relação entre fonologia e ortografia”, mostra a relação existente entre os dois campos de conhecimento. Por fim, a seção “Aspectos da nasalidade”, traz uma revisão de estudos sob diferentes perspectivas concernentes à nasalidade e aos ditongos nasais do português brasileiro.

O capítulo subsequente – Metodologia – apresenta os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa: os critérios de seleção dos textos e dos dados referentes à grafia dos ditongos nasais; dos procedimentos para as análises dos dados; e, por fim, as variáveis envolvidas para a obtenção dos resultados.

O quarto capítulo – Descrição e análise dos dados – traz o levantamento dos dados analisados, bem como sua análise e discussão, a qual considera as variáveis linguísticas e extralinguísticas a serem analisadas no estudo. Esse capítulo está dividido em duas seções, em que se faz a descrição, análise e discussão das classes de palavra em questão: nomes e verbos.

Finalmente, no último capítulo – Considerações finais –, são feitas as considerações finais acerca do trabalho realizado.

2 APORTE TEÓRICO

Neste capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos que embasam o presente estudo. Na primeira seção, abordam-se aspectos referentes à aquisição de linguagem escrita. Em seguida, abarcam-se alguns conceitos teóricos da linguística relacionados à fonologia e à ortografia do português brasileiro (PB). Na terceira seção, discute-se o ditongo em PB, o qual é analisado com relação ao fenômeno da nasalidade, com foco na posição final de palavra; ao sistema fonológico e fonético; à variação e à aquisição da escrita.

2.1 Aquisição da escrita pela criança

Desde os primórdios da cultura letrada, utilizam-se linguagens distintas para que haja a transmissão do pensamento humano. Dessa forma, tem-se a linguagem como um objeto de estudo, descrição e reflexão. Nesse sentido, é possível afirmar que o conceito de linguagem abrange diversas formas de expressão que exigem níveis de formalização simbólica e sistematização. Dentre as inúmeras possibilidades de haver linguagem como um manifesto da comunicação e da interação social, tem-se a linguagem verbal em suas expressões escrita e falada.

Na condição de seres que interagem socialmente, os falantes têm contato com a língua desde seu nascimento. A partir dos primeiros dias de vida, os bebês ouvem sons produzidos pelas pessoas que os rodeiam e, assim, mantêm contato com a linguagem. Dentre as propostas teóricas existentes para o mecanismo de

aquisição de linguagem pelas crianças, no fim da década de 1950, os estudos de Noam Chomsky³ são lançados como uma reação ao pensamento behaviorista⁴ de Skinner (1957), o qual propunha que a criança desenvolve a capacidade linguística por meio do estímulo-resposta. Chomsky (1968) consolida a proposta inatista de aquisição de linguagem, ou seja, baseia-se na ideia de que o ser humano já é programado biologicamente e possui a capacidade de desenvolver determinado tipo de gramática.

Para o estudioso, as propriedades da língua são bastante abstratas e complexas e são transmitidas geneticamente. Assim, o autor concebe o termo inato para a aquisição: a capacidade para a aquisição da língua já faz parte da criança desde seu nascimento. As características da estrutura da linguagem dependem das características do cérebro humano, e, dessa forma, há pontos comuns e universais entre as línguas. Com isso, a sequência dos enunciados que a criança é capaz de produzir em diferentes idades é a manifestação de processos linguísticos e do desenvolvimento das estruturas que são inerentes aos indivíduos e, conforme Scarpa (2001), “esse mecanismo inato faz ‘desabrochar’ o que ‘já está lá’, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento linguístico prévio, sintático por natureza” (SCARPA, 2001, p. 207).

A aprendizagem, segundo Piaget (1972), ocorre por meio de processos que possibilitam a construção de suas categorias de pensamento, já que “é da natureza do ser humano, diz Piaget, organizar suas experiências e adaptá-las ao que foi experimentado” (BEE, 1986, p. 190). Com isso, tem-se um “sujeito cognoscente”, o qual interage com os objetos do mundo que o cerca e, assim, edifica seu próprio conhecimento. Dessa forma, a aprendizagem consiste num processo geral de interação entre o conhecimento linguístico e as hipóteses da criança sobre a língua (cf. Piaget, 1972). De acordo com o estudioso, o equilíbrio é constantemente almejado pelo sujeito, já que indica a plenitude de conhecimento; porém, este equilíbrio é rompido na interação deste sujeito com o ambiente. Para reestabelecer o equilíbrio do organismo em busca de uma nova forma de adaptação, o autor menciona dois mecanismos que são indissociáveis e que se complementam: a assimilação e a acomodação.

³ CHOMSKY, N. Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. **Language**, n. 35, 1959.

⁴ De acordo com a teoria behaviorista, as crianças são tidas como “sujeitos passivos”, ou seja, aprendem a linguagem a partir de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta juntamente à exposição que têm com o meio em que vivem.

A assimilação é o processo em que o sujeito incorpora novas informações ao conhecimento que já possui. Esse processo dá-se de forma contínua, já que há uma atividade constante de interpretação e adaptação à realidade que rodeia o sujeito. O processo de assimilação demonstra a tentativa de integração entre os aspectos relacionados à experiência e o conhecimento já estruturado.

A acomodação é a capacidade de modificar a estrutura mental que já está internalizada, ou seja, a estrutura mental antiga é modificada conforme o novo objeto do conhecimento. De acordo com Piaget (1996), o processo de acomodação é “(por analogia com os "acomodatos" biológicos) toda modificação dos esquemas de assimilação sob a influência de situações exteriores (meio) ao quais se aplicam” (PIAGET, 1996, p. 18).

Assim, de acordo com a teoria piagetiana, o meio desencadeia, no sujeito, a necessidade de ajustar novas informações a esquemas já existentes, como um novo dado perceptual, motor ou conceitual, acomoda-se conforme seu conhecimento já adquirido. Dessa forma, não há processo de acomodação sem o de assimilação e vice-versa.

Ainda na perspectiva de que a criança busca o conhecimento, os estudos de Ferreiro e Teberosky ([1979] 1999) criam uma vertente teórica embasada na teoria de Piaget, porém, com enfoque nas questões concernentes à aquisição da escrita pela criança. Assim, no processo de aquisição de língua, há um sujeito que procura compreender a natureza da linguagem falada em seu redor, formulando hipóteses acerca da estrutura da língua e buscando uniformidades. Com isso, de acordo com as autoras, a criança

não é um sujeito o qual espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Com base em pesquisas realizadas pelas autoras, a criança estrutura seu conhecimento linguístico a partir das referências que já possui em relação à língua materna. No processo de aquisição da escrita, ao formular hipóteses a respeito da língua e buscar as soluções para as questões que ainda não estão postas claramente para a criança, ela comete erros⁵ referentes à grafia das palavras. Estes erros ocorrem pela busca de regularidades na língua, ou seja, a criança tende a

⁵ Neste trabalho, tem-se a concepção de erro de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999). Além disso, pensa-se no erro como evidência do processo de assimilação (op. cit.) de Piaget (1996).

conjugar os verbos irregulares a partir do conhecimento que apresentam em relação à conjugação de verbos regulares, por exemplo. Com isso, é possível depreender que a criança possui um conhecimento em relação ao seu idioma, pois ela consegue distinguir partes da estrutura do verbo (radical do verbo e desinência verbal) em busca da regularidade (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 25).

Os erros cometidos pelas crianças são tratados por Ferreiro e Teberosky (1999) como construtivos, ou seja, será a partir do erro cometido que a criança refletirá acerca da estrutura da língua, e, a partir desta reflexão, tenderá a acertar na grafia das estruturas que antes causavam dúvidas. Os processos de erros e acertos são de suma importância para a criança, pois auxiliam no aperfeiçoamento da competência linguística do sujeito. Nesse momento, é importante que o professor atue como mediador entre o sujeito e o objeto na construção do conhecimento.

É importante salientar que “a compreensão de um objeto de conhecimento aparece estreitamente ligada à possibilidade de o sujeito reconstruir este objeto, por ter compreendido quais são suas leis de composição” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 34). Com isso, no âmbito da aquisição da escrita, a criança mostra que efetivamente adquiriu a escrita ao utilizar a língua de formas diversas, a partir das características, regras e estrutura que compõem o objeto. Conforme Zorzi (1998, p. 19), “a escrita torna-se não somente um instrumento simbólico utilizado para a comunicação, mas também algo a ser compreendido, ou seja, ela é tematizada, transformando-se em um conteúdo sobre o qual o pensamento é dirigido”.

A aquisição efetiva dar-se-á quando a criança não associa a escrita à fala, visto que existem dois processos distintos em questão, pois a escrita exige dela um nível de abstração maior do que a fala. De acordo com Abaurre (2002, p. 136), “é comum ouvir-se a afirmação de que a criança ‘escreve como fala’ [...] o vasto material que temos tido a oportunidade de examinar [...], nos leva a crer que essa é uma afirmação ingênua e equivocada”.

Conforme Kato (2002), a criança utiliza os conhecimentos fonológicos que tem da língua materna no momento de sua escrita, já que utiliza uma comparação entre as duas realidades. Abaurre (2002), em pesquisas e estudos exploratórios no campo da aquisição de linguagem, evidencia que a criança, antes mesmo de apresentar um domínio da escrita, já é capaz de distinguir ambos os sistemas: o oral e o escrito. Assim, conforme Zorzi (1998, p. 19), “a escrita não se reduz a uma

simples transcrição da oralidade, nem sequer depende exclusivamente de processos perceptivos envolvendo discriminação e memória”.

A partir das considerações realizadas sobre a aquisição da linguagem escrita, nesta pesquisa, adota-se a perspectiva de Ferreiro e Teberosky ([1979] 1999) acerca da noção de sujeito e de erro cometido na escrita das crianças em fase de aquisição. Assim, será possível identificar algumas hipóteses formuladas pelas crianças sobre a escrita em português e averiguar a relação com o sistema fonológico do PB.

2.2 Relação entre fonologia e ortografia

Os estudos que estabelecem uma relação existente entre a fonologia e a escrita inicial (ABAURRE, 1999, 2001, 2002; MIRANDA, 2007; MIRANDA E MATZENAUER, 2010, entre outros) são pertinentes para a reflexão sobre o processo de aquisição da escrita e da ortografia. Além disso, esclarecem questões referentes à fonética e à fonologia da língua portuguesa.

O presente estudo tem como objeto de análise o erro gráfico cometido por crianças em fase de aquisição da escrita, o qual é interpretado de acordo com a perspectiva de que há, nos erros, uma relação entre a fonologia e a ortografia, ou seja, existem influências que podem ocorrer entre um campo e outro. Nas figuras 1 e 2, observam-se dois fragmentos de textos produzidos por dois alunos: o primeiro, por um aluno de 4ª série, de uma escola pública; o segundo, produzido por um aluno de 3ª série, de escola particular.

A partir dos exemplos, é possível verificar que há, em ambos os casos, a presença de erros ortográficos⁶ que apresentam relação com a fonologia, visto que, na figura 1, têm-se as formas ‘tentaro’ e ‘temtaro’ para *tentaram*, as quais apresentam processo de desnasalização da sílaba em final de palavra. Na figura 2, a forma ‘lobesomo’ é observada, evidenciando um abaixamento da vogal “i” (lob*i*somem – lob*e*somo), além da desnasalização da sílaba em final de palavra.

⁶ A abordagem sistemática e estrutural dos erros estará presente na seção de Análise dos Dados do presente estudo. Dessa forma, neste momento, os fragmentos são utilizados com fins ilustrativos para a relação proposta nesta seção.

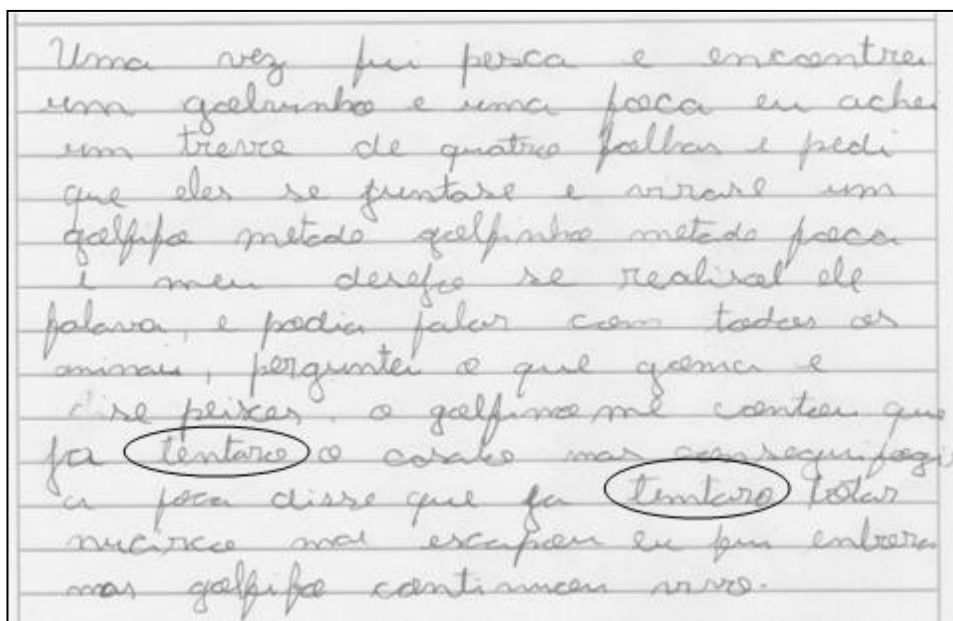


Figura 1 - Excerto do texto com a palavra 'tentaro' e 'temtaro'
Fonte: BATALE

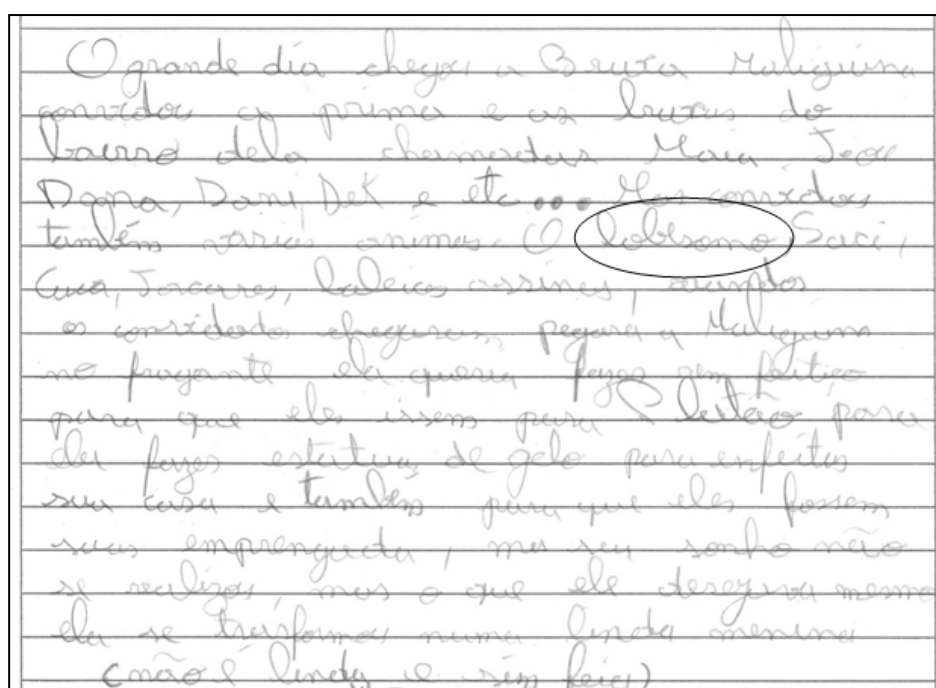


Figura 2 - Excerto do texto com a palavra 'lobesomo'
Fonte: BATALE

Os estudos que inter-relacionam a ortografia e a fonologia (op. cit.) salientam que o processo de aquisição da escrita é muito complexo para a criança, visto que há a construção de um novo conhecimento. Este processo exige uma reflexão acerca do objeto em questão: a língua. Assim,

durante esse processo, será necessário que sejam feitas retomadas, as quais podem trazer, para o nível da consciência, conhecimentos já internalizados sobre a língua e sua estrutura, especialmente aqueles conhecimentos do âmbito da fonologia, por se tratar de exercício de apropriação de um sistema de escrita que tem base alfabética (MIRANDA e CUNHA, 2013, p. 343).

De acordo com Miranda e Matzenauer (2010, p. 361), adquirir uma língua torna-se complexo devido aos aspectos estruturais e discursivos que compõem o sistema linguístico. Com isso, “O que ocorre, portanto, no processo de aquisição da linguagem [...] é considerado natural e, no mais das vezes, equivale a fatos que fazem parte das gramáticas de diferentes sistemas”.

Em relação ao processo de aquisição da escrita, os estudos de Abaurre (1999, 2002, 2011) abordam as relações que o sujeito estabelece com a linguagem durante a fase de apropriação da escrita. Além disso, a linguagem desenvolvida pela criança está estritamente ligada às práticas sociais, já que há, por parte do sujeito, a busca em contemplar objetos linguísticos. Conforme a pesquisadora,

as crianças, por participarem ativamente de práticas discursivas culturalmente produtivas, típicas de reais episódios de interação social, logo se dão conta da eficácia da atividade linguística para fins comunicativos. Ao mesmo tempo – e certamente de maneira inconsciente –, valem-se dessa própria atividade para se desenvolverem cognitivamente (ABAURRE, 2011, p. 168).

Durante o processo de aquisição de linguagem, o qual abarca a aquisição da escrita, observa-se que as crianças organizam de forma sistemática os elementos linguísticos dos quais dispõem e valem-se destes elementos na formulação de hipóteses acerca da escrita. Dessa forma, a criança apresenta “uma tendência à exploração do velho, seu conhecimento da língua, para a ancoragem do novo, o sistema de escrita que está sendo apreendido” (MIRANDA e CUNHA, 2013, p. 344).

A aquisição de linguagem oral se dá de forma dinâmica e rápida (cf. MIRANDA e CUNHA, 2013), pois, para que haja a comunicação da criança, basta que ela esteja inserida em um meio que propicie atos comunicativos. Com base em situações de interação, a criança constrói a fonologia da língua e esta construção de estruturas irá compor seu sistema linguístico. Já a aquisição da escrita exige da criança um ensino sistemático da língua, pois há a necessidade de compreender o princípio alfabético da escrita, o qual é o objeto da linguagem escrita. Dessa forma, a escrita, para a criança, demonstra maior grau de complexidade, já que

a variedade de soluções possíveis para a escrita alfabética da grande maioria das palavras decorre natural e necessariamente do fato de os sistemas alfabéticos geralmente possibilitarem o uso de mais de um

símbolo para a representação de um mesmo som, e o uso de um mesmo símbolo para a representação de sons diferentes (ABAURRE, 2011, p. 169).

A variedade de soluções alfabéticas para as dúvidas que surgem no momento da escrita manifestam-se em produções de textos espontâneos⁷, os quais são analisados no presente estudo. Em um mesmo texto produzido por uma criança, é possível observar mais de uma solução para o conflito gerado por determinada palavra ou estrutura, assim, a criança utiliza suas estruturas linguísticas já estabelecidas em busca da solução no momento da escrita. É esse processo de escrita, conflito e reflexão que constitui a aquisição da escrita, pois evidencia que a criança possui um conhecimento fonológico acerca da língua e, com a escrita, é capaz de agregar e modificar outras estruturas a modelos pré-existentes.

Além dos estudos supracitados, há outras pesquisas⁸ que também apresentam a relação fonologia/ortografia, proposta nessa seção. Utilizando textos de crianças de séries iniciais, Cunha (2004) observou que as crianças cometem erros no que se refere à segmentação de palavras. Em seu estudo, a autora relaciona as questões de hipossegmentação (ex.: *benlonge*; *jatenho*) e de hipersegmentação (ex.: *co migo*; *ter mina*) à prosódia⁹ da língua portuguesa. Para a pesquisa, a estudiosa analisou 74 textos produzidos por 10 crianças, sendo 5 de uma escola pública e 5 de uma particular, ao longo das quatro primeiras séries do ensino fundamental.

Dentre os resultados obtidos por meio da pesquisa, Cunha (2004) concluiu que aspectos concernentes à fonologia da língua são evidenciados em dados de escrita inicial. Assim, dentre outras ocorrências, a dúvida em relação à representação da nasal em posição de coda e aos processos de ressilabação ou manutenção do pé métrico portador do acento, são exemplos de que emergem, para a escrita, aspectos do conhecimento fonológico que a criança possui.

O estudo de Adamoli (2006), também evidencia a relação proposta nesta seção. A pesquisa aborda aspectos referentes à aquisição dos ditongos [aj], [ej] e [ow] em 947 textos produzidos de forma espontânea por crianças de 1ª e 2ª série do

⁷ Os textos espontâneos são aqueles em que a produção textual não é controlada, ou seja, não há um modelo previamente estabelecido para que seja efetivada a escrita.

⁸ As referidas pesquisas fazem parte do Grupo de Estudos sobre Aquisição de Linguagem Escrita (GEALE – UFPel), do qual a pesquisadora participa.

⁹ Ramo da linguística e da fonética que investiga as propriedades ou traços suprasegmentais da fala, os quais são percebidos como parâmetros de **frequência fundamental**, **pitch**, **intensidade** e **duração**. A prosódia tem estrita relação com o **acento**, **ritmo** e **entonação** (CRISTÓFARO, 2011, p. 45).

ensino fundamental de duas escolas (uma particular e uma pública) de Pelotas – RS. No estudo, Adamoli (2006) descreve e analisa o processo de aquisição gráfica dos ditongos orais mediais (ex.: *pouco*, *caixa*, *peixe*) e, a partir dos dados encontrados, suscita algumas questões pertinentes à fonologia do português.

Dentre outras conclusões, o autor observou que as sílabas átonas são aquelas que apresentam maior tendência a sofrer processos fonológicos (ex.: *feijão*). Além disso, concluiu que, dentre as ocorrências de ditongo, aquele que menos sofreu processos fonológicos foi o ditongo [ɛw], devido ao fato de, por ser considerado um ditongo verdadeiro (ex.: *Chapeuzinho*), sofrer redução à vogal apenas na escrita, e não na fala.

Outro estudo que também abarca a relação fonologia/ortografia é o de Blank (2013), o qual buscou descrever e analisar as influências fonológicas na produção escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/PB). Para a realização da pesquisa, a autora utilizou 68 produções escritas pertencentes a alunos bilíngues de 2º, 3º e 4º ano de uma escola municipal de ensino fundamental incompleto de Arroio do Padre, município situado na região sul do estado do Rio Grande do Sul. Além das produções escritas, a pesquisa também é composta por coletas de fala em português com o objetivo de verificar se havia ou não influência da língua materna, o pomerano, na fala em PB dos bilíngues.

Em meio a conclusões a respeito da pesquisa, Blank (2013) constatou, em relação aos fenômenos analisados, ou seja, a troca do ‘r’ forte pelo ‘r’ fraco (ex.: *coreu*; *bariga*) e a troca do ditongo nasal ‘am’ por ‘on’ (ex.: *comesaron*), que as crianças bilíngues apresentam um número de erros, na escrita, relativamente alto nos dois processos. Para explicar tal quantia, a pesquisadora afirma que esses erros tendem a uma motivação fonológica, tendo em vista que são extremamente comuns na fala dos bilíngues e pouco encontrados na escrita dos monolíngues, conforme observado no decorrer do estudo.

A partir das pesquisas supracitadas, é possível observar que a relação existente entre a fonologia e a ortografia é de suma importância para os estudos concernentes ao processo de aquisição da escrita. As conexões entre os dois campos propiciam que os erros ortográficos cometidos por crianças em fase de aquisição sejam vistos como interessantes indícios acerca do conhecimento linguístico do qual a criança dispõe.

2.3 Aspectos da nasalidade

A fim de compreender no que consiste o ditongo nasal em português, é preciso atentar para algumas questões referentes a tais fonemas. Assim, nas subseções seguintes, são abordados aspectos que abordam o ditongo e a nasalidade, foco do presente estudo.

2.3.1 Nasalização da vogal

Compreender em que consiste a vogal nasal em PB é de suma importância para conceber o ditongo nasal. Nas línguas do mundo, a nasalidade se manifesta de formas distintas. Para Câmara Jr. (2011 [1969]), não há, em português, a vogal nasal pura, pois, sob o ponto de vista fonológico, “por meio dela não se cria oposição em português entre vogal pura envolvida de nasalidade e vogal seguida de consoante nasal pós-vocálica” (CÂMARA JR., 2011 [1969], p. 59). Em outras palavras, ao observar a estrutura silábica, a nasalização da vogal em português é uma consequência obrigatória do travamento por uma consoante nasal pós-vocálica, assim, o pesquisador afirma que a nasalidade seja uma hipótese bifonêmica, ou seja, há dois fonemas que, juntos, representam a nasalidade.

A consoante nasal referida por Câmara Jr. (2011 [1969]) consiste no arquifonema nasal /N/, o qual ocupará, sempre, a posição de coda (borda final de sílaba). Nessa posição, o arquifonema adquire ponto e modo de articulação da consoante seguinte, a saber: será [m] diante de consoante bilabial [kãmpo]; será [n] diante de consoante dental ou alveolar [lênda] e será [ɲ] diante de consoante velar [sãɲge].

A sílaba do português, de acordo com Collischonn (2010, p. 100), consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); esta, por sua vez, divide-se em núcleo (N) e coda (C). Segundo a autora, qualquer categoria pode ser vazia, exceto o núcleo. Como em quase todas as línguas, a vogal é o único elemento essencial à formação de uma sílaba, por isso ela faz parte do núcleo da estrutura. Conforme a abordagem

métrica, e a visão de Câmara Jr. (2011 [1969]) acerca da sílaba, tem-se a seguinte estrutura:

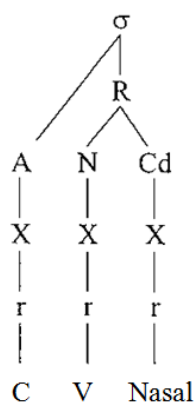
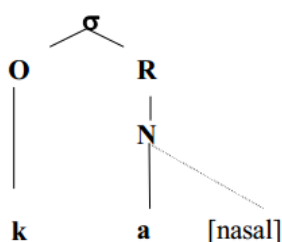


Figura 3 – Presença de segmento nasal na estrutura silábica
Fonte: Elaboração própria

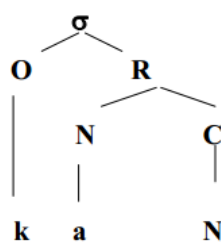
De acordo com os estudos de Mateus e Andrade (2000), no PB, não há presença de coda nasal, mas, sim, de um autosssegmento nasal flutuante que está ligado diretamente ao núcleo da sílaba, sem ocupar uma posição no esqueleto silábico (figura 3(a)). Para Câmara Jr. (2011 [1969]), assim como para Matheus e Andrade (2000), a nasalidade observada em PB é bifonêmica. Bisol (1998), à luz da fonologia não-linear, interpreta o fenômeno como sendo uma sequência CVC, em que a rima é constituída de uma vogal mais segmento nasal não especificado para ponto de articulação, conforme se observa na figura 3(b).

3(a)



Mateus e Andrade (2000)

3(b)



Bisol (1999)

Figura 4(a)– Estrutura da sílaba nasalizada conforme a proposta de Mateus e Andrade (2000)
Figura 3(b) – Estrutura da sílaba nasalizada conforme a proposta de Bisol (1999)
Fonte: MIRANDA, 2011

Para sustentar a hipótese bifonêmica, Câmara Jr. (2011 [1969]) utiliza três argumentos; a saber:

1) o sândi¹⁰ é bloqueado, isto é, a sílaba com a vogal “nasal” comporta-se como sílaba travada por consoante e, assim, não sofre o processo de crase (exemplos: lâ azul, jovem amigo, bom homem);

2) após a vogal nasal há, somente, /R/ e nunca /r/, conforme os exemplos: [ʒɛnRø] e [ønrɔ]. Isso se deve ao fato de tratar-se de uma vogal seguida de um arquifonema nasal; logo, a nasalidade seria bifonêmica;

3) no interior do vocábulo, não há nasal em hiato, ou seja, ou a nasalidade que envolve a vogal desaparece (como em boa *versus* bom, por exemplo), ou a nasal realiza-se como ataque silábico em situações que o hiato se formaria, isto é, há um deslocamento do elemento consonântico nasal para a sílaba seguinte (no caso de valentona *versus* valentão). Neste argumento, é importante salientar que o elemento consonântico nasal comporta-se como qualquer nasal na posição intervocálica, pertencendo à sílaba seguinte (cf. u-ma e não um-a, como a-se, a-ço, a-la, a-ra, etc).

O autor ainda reitera que há, no português, outro tipo de vogal nasal, a qual, quando se encontra na posição de *onset*, assimila-se à consoante nasal da sílaba seguinte: é o caso da nasalidade fonética. Nesse caso, não há oposição distintiva, uma vez que não há alteração de significado em relação à presença ou ausência de nasalidade: em [kama] e [kãma], por exemplo, o significado se mantém, porém, no primeiro vocábulo, não há nasalidade na vogal, enquanto que, no segundo, a vogal está nasalizada. Quando há oposição distintiva entre vocábulos no que se refere à nasalidade, ocorre nasalidade fonológica: os vocábulos [mĩŋto] em oposição a [mito], assim como [ʒũŋta] em oposição a [juta].

Ainda há outra evidência, nos estudos de Moraes e Wetzels (1992, p. 154-155), no que se refere à hipótese bifonêmica para a nasalidade em português. Segundo os autores, não ocorre vogal nasal na penúltima sílaba de vocábulos proparoxítonos (como, por exemplo, morango e não “môrango”), evidenciando sílaba pesada, ou seja, uma sílaba CVC, a qual é composta por um consoante na posição de coda.

¹⁰ Processo fonológico relacionado à prosódia da língua, presente em português. Conforme Bisol (1996, p. 167), “o sândi externo é provocado por choque de picos silábicos, uma das sensibilidades métricas do português, que, ao apagar uma sílaba, deixa unidades flutuantes, as quais, ao serem licenciadas prosodicamente ou ao deixarem de ser, produzem como resultado final a elisão, a ditongação ou a degeminação.”

2.3.2 Nasalização dos ditongos

No que se refere à nasalização dos ditongos, é importante salientar que, segundo Câmara Jr. (2011 [1969]), as sequências -ãe, -ão, -õe e -ui /uiN/ originam-se de -ai, -au, -ôi e -ui, seguidas de travamento nasal. Assim, é por esse motivo que os ditongos nasais não se confundem com a realização das “vogais nasais ditongadas” em final de palavra.

No que tange à hipótese de Bisol (1998) para a questão da nasalidade, é importante salientar que a presença de arquifonema nasal após o ditongo vai de encontro ao padrão silábico máximo permitido no português (CCVCC) (cf. Câmara Jr. 2011 [1969]), exceto se a última consoante da coda for /S/. Este fato pode ser observado a partir dos seguintes exemplos, em que constam ditongo oral (a) e ditongo nasal (b):

(a)	mau	maus	(b)	barão	barões
	/maw/	/maws/		/ba'rawN/	/ba'rojNs/
	VC	VCC		VCC	VCCC

Ao observar os exemplos, percebe-se que a questão da nasalidade, na proposta de Câmara Jr. (2011 [1969]), apresenta um problema, justamente, por violar o padrão silábico máximo permitido pelo português. Assim, no que se refere aos ditongos, a nasalidade não pode ser atribuída à existência de um arquifonema nasal na estrutura silábica do português.

A partir dos estudos de Câmara Jr., Bisol (1998), observa, também, a nasalidade em português, pois, segundo a autora, a vogal nasal deve ser entendida como uma sequência de vogal (V) juntamente a uma consoante nasal subespecificada para traços de articulação, /N/, resultando no grupo VC. Assim, a estudiosa reinterpreta a hipótese bifonêmica de Câmara Jr. que, segundo ela, é bem aceita, embora haja interpretações variantes acerca de tal posicionamento. A hipótese de o ditongo nasal ser visto como ditongo seguido de arquifonema nasal em fim de palavra não é aceita, já que não é permitido em PB o padrão silábico VCC no contexto de a segunda consoante da coda ser /N/ e não /S/.

Ao reinterpretar a hipótese da nasalidade bifonêmica proposta por Câmara Jr., Bisol (1998), com base na fonologia moderna, defende que o padrão silábico VCC – não passível de ocorrer em português – realiza-se de uma forma própria. Para a autora, a nasal /N/, na condição de último elemento do padrão silábico em questão, não fere a Condição de Coda, já que “associa-se à rima para nasalizar o ditongo que a vogal temática ajudou a construir” (BISOL, 1998, p. 27). Além disso, o contraste fonológico faz-se presente entre a sílaba pesada (VN) e a sílaba leve de uma só vogal (figura 5 - a), porém, entre ditongos orais e nasais, tal oposição faz-se em relação à presença/ausência de nasalidade (figura 5 - b).

a) senda/seda	b) mão/mau
lança/laça	pão/pau
rim/ri	põe/boi

Figura 5 - Contrastes fonológicos
Fonte: BISOL, 1998, p. 27

Baseada na Fonologia Lexical e sob a perspectiva de Kiparsky (1985), Bisol (1998, p. 28) salienta que, em português, há “dois processos distintos de nasalidade: o de estabilidade e o de assimilação”, os quais dependem da associação ou não da vogal temática (VT) no vocábulo.

Quando há acréscimo da VT, há o ditongo fonológico, o qual é formado no léxico, resultado de um processo de nasalização por estabilidade, “que associa à rima uma nasal flutuante e estável, que não recebe traços articulatórios” (BISOL, 2010, p. 175). Para a autora, a VT ocupa a posição do molde silábico deixada vaga por N, o qual é reassociado à rima e percola até os segmentos finais do vocábulo. Tal processo pode ser observado nos vocábulos *irmão*, *põe* e *pão*. Conforme a figura 6, observa-se o vocábulo *pão*, representando a derivação do ditongo nasal por meio da nasalidade por estabilidade.

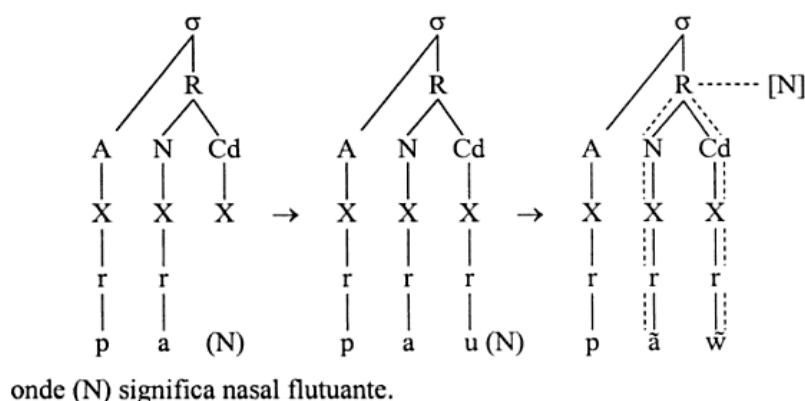


Figura 6 - Derivação do ditongo nasal por meio da nasalidade por estabilidade
Fonte: BISOL, 2010, p. 175

Já o processo de nasalidade por assimilação ocorre quando “N se expande para a vogal e adquire os traços articulatorios da consoante seguinte ou da vogal por ele nasalizada” (BISOL, 2010, p. 175) e pode ser observado nos vocábulos *canto*, *senda* e *samba*. O ditongo fonético cria uma vogal nasal interna ou um ditongo externo suscetível a processos de variação em vocábulos desprovidos de VT, assim, decorre de um processo de nasalização por espraçamento e ocorre no pós-léxico (cf. figura 7).

saNba → sãmba seNda → sênda
omeN → omẽỹ ~ omẽɲ fõruN → fõrũw̃ ~ fõrũɲ

Figura 7 – Nasalização por espraçamento
Fonte: BISOL, 2010, p. 175.

Tendo em vista ambos os processos referidos pela pesquisadora, é importante salientar que os itens lexicais que apresentam VT (*irmão*, por exemplo) sofrem processos de formação diferentes daquelas aplicadas aos itens desprovidos de VT (*cetim*, por exemplo). Assim, observa-se conforme a figura 8:

Com VT		Sem VT	
irmaN+o]	(irmão)	omeN]	(homem)
irmaN+a]	(irmã)	armazeN]	(armazém)
faN+a]	(fã)	setiN]	(cetim)

Figura 8 – Vocábulos com e sem presença de VT
Fonte: BISOL, 1998, p. 28.

De acordo com Bisol (1998), tal diferença ocorre no nível 2, no processo de formação do ditongo em nível lexical e pós-lexical (Quadro 1).

	irmão	cetim
<i>Entradas lexicais</i>	a) [irmaN + o]N	b) [setiN]N
Nível 1	(VT não satisfeita)	(ausência de VT)
Ciclo 1		
Silabação (SIL)	ir'maN	se'tiN
Acento (AC)	(*)	(*)
Nível 2		
<i>Morfologia</i>		
Adjunção de VT (AVT)	[[ir'maN]o	
<i>Fonologia</i>		
Condição de desligamento da nasal (CDN)	[[ir'ma]o] <N>	
Silabação	ir'mao <N>	
Elevação da VT	ir'mau <N>	
Reassociação da nasal por percolação (RNP)	ir'mau ∨ R ← [N]	
Pós-lexical		
Espraiamento da nasal (EN)		se'ti N ∖
Implementação da nasal (IN)		set'ĩĩ ∖
<i>Saída</i>	[ir'mãw̃]	[se'tĩj]

Quadro 1 – Derivação do ditongo em nível lexical e pós-lexical

Fonte: Adaptado de BISOL, 1998, p. 34.

Conforme se observa no quadro 1, o que diferencia os vocábulos é a VT, logo, cada elemento lexical sofrerá uma regra específica. Vocábulos dotados de VT

estão sujeitos à perda de N (CDN), com isso, a VT, acrescida no nível 2, cumpre a condição de perifericidade vocábular, ocupando a posição designada à N. Após a silabação, a VT eleva-se devido à regra da elevação, a qual faz com que vogais médias se elevem para altas quando estiverem na posição adjacente ao núcleo silábico. No momento em que a nasal se associa à rima, o ditongo nasal é formado por percolação (RNP), evidenciando contrastes de oposição oral *versus* nasal (*pãw/paw; mãw/maw*, cf. BISOL, 1998, p. 35).

Já no caso dos vocábulos que não apresentam VT, os processos são distintos: não há regras em nível lexical (salvo silabação e acento – as quais ocorrem em todos os vocábulos, independente da presença de VT) pelas quais passam tais vocábulos. Na palavra *cetim*, as regras vigoram apenas em nível pós-lexical, quando há espraçamento da nasal sobre a vogal precedente. Após, é aplicada a regra de implementação da nasal, a qual propicia assimilação mútua por se tratar de fim de palavra; além disso, pode ocorrer o apagamento da nasal, o que gera a variação.

2.3.3 Variação do ditongo nasal

Em relação aos processos de variação do ditongo nasal, estudos como os de Battisti (1997; 2002), Schwindt et al (2009), Schwindt; Bopp da Silva (2009), Bopp da Silva (2005), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Tarallo (1986), entre outros, embasam a pesquisa. De acordo com os estudos de Battisti (2002), os ditongos apresentam-se, na língua portuguesa, de maneira variável. No exemplo citado pela autora, há variação da palavra “ontem”: *ontem* ~ *ontim* ~ *onti*. Nesse exemplo, observa-se que ocorre alteração de nasalidade, ou seja, da primeira para a segunda forma, a nasalidade se mantém, embora haja a mudança da vogal núcleo (de [e] para [i]), enquanto que, da segunda para a terceira forma, há a desnasalização, isto é, perda do traço de nasalidade. Conforme a autora, essa alteração se dá devido à influência da tonicidade da sílaba em que se encontra o ditongo: em geral, a sílaba átona é mais suscetível ao fenômeno de desnasalização, pois se observa que há variação entre vocábulos do tipo *falaram* ~ *falaru*, o que não é observado em palavras como *falarão*.

Nos estudos variacionistas de Battisti (1997), em relação ao ditongo nasal, a autora apresenta formas que preservam e que não preservam o ditongo nasal em fim de palavra. Com isso, a autora conclui que a atonicidade da sílaba com ditongo nasal pode funcionar como motivação para a redução dos ditongos, fazendo com que o fenômeno seja variável. Com esta conclusão, a autora aborda extralinguísticos para justificar a ocorrência de variação em tais vocábulos.

Ao abordar a redução dos ditongos nasais átonos, Battisti (2002) salienta que a redução dos ditongos nasais átonos ocorre desde os primórdios da língua portuguesa. Para isso, além das variáveis linguísticas envolvidas no processo, há, também, as variáveis extralinguísticas que propiciam o fenômeno. Após um levantamento teórico acerca do tema, a pesquisadora enfatiza que as variáveis linguísticas preponderam sobre as extralinguísticas, sendo que o contexto fonológico precedente ou seguinte é a variável mais importante (cf. Battisti, 2002, p. 185).

Em seu estudo, a autora considera as seguintes variáveis:

- 1) Linguísticas: contexto fonológico precedente; contexto fonológico seguinte; vogal do ditongo; classe de palavra.
- 2) Extralinguísticas: localização geográfica; escolaridade; sexo.

De acordo com falas presentes no Banco de Dados do VARSUL¹¹ (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), a pesquisadora selecionou 90 entrevistas, as quais foram escolhidas para que houvesse uma amostra aleatória estratificada baseada nas variáveis extralinguísticas enfocadas no estudo. Assim, a pesquisadora realizou um levantamento de dados por meio de uma análise computacional, utilizando o programa Varb2000, do pacote de programas Varbrul. Com isso, os resultados apontados em relação às variáveis linguísticas foram os seguintes:

a) classe de palavra: o ditongo é preservado mais em verbos (*fizeram*, por exemplo) que em nomes (*álbum*, *bobagem*, *jovem*, *ontem*, por exemplo). Segundo a pesquisadora, isso ocorre devido ao fato de que há, na sílaba final dos verbos, sufixos flexionais importantes para o estabelecimento de relações de concordância, o que não ocorre nos nomes, contribuindo para a redução, já que distinções de sentido não se perderiam nesse contexto;

¹¹ Este Projeto tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil e conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná (<http://www.varsul.org.br/>).

b) contexto fonológico precedente: de acordo com o tratamento estatístico, não se caracterizou como forte condicionador da regra de redução (busquem, gritem, comem, iam, por exemplo), já que “quando uma consoante está presente, a regra de redução tem tendência moderada de aplicação; quando não há consoante antes do ditongo, tal tendência é baixa” (BATTISTI, 2002, p. 195);

c) contexto fonológico seguinte: o contexto vocálico condiciona favoravelmente a aplicação da regra (homem amigo, por exemplo), ou seja, se o contexto seguinte vocálico é átono, há aplicação do processo de redução;

d) vogal do ditongo: esta variável foi desconsiderada devido ao tratamento estatístico evidenciar a neutralidade de tal categoria de análise.

Em relação às variáveis extralinguísticas, foram obtidos no estudo os seguintes resultados:

a) localização geográfica: em Santa Catarina há maior redução dos ditongos nasais átonos, enquanto que, no Rio Grande do Sul, a redução é intermediária e, no Paraná, há pouca redução;

b) escolaridade: a ocorrência do fenômeno dá-se no grupo com menor índice de escolaridade e, no grupo com maior escolaridade, a redução é menor;

c) sexo: isoladamente, tal variável é neutra em relação ao fenômeno.

Com base nos estudos prévios acerca da redução da nasalidade, Battisti (2002), a partir de sua pesquisa, ratifica o que preconiza a literatura: “a eliminação da nasalidade em contexto final átono já era registrada nos primeiros documentos em língua portuguesa e descrita em tratados posteriores sobre a evolução da língua” (BATTISTI, 2002, p. 201). Tendo em vista tal afirmação da autora, o presente estudo busca, dentre outros aspectos, observar, por meio da análise de dados de escrita inicial, de que modo os ditongos nasais em posição final de palavra são vistos em relação à tonicidade da sílaba.

Em relação aos estudos de variação linguística, Bortoni-Ricardo (2004; 2005); Tarallo (1986), dentre outros, embasam a presente pesquisa. Ao utilizar produções escritas ou orais em pesquisas linguísticas, é preciso atentar para o fato de que todos os usuários pertencentes a uma mesma comunidade compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem, com isso, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação. As formas linguísticas em variação recebem o nome de “variantes linguísticas”. Tarallo (1986, p. 08) afirma

que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Tendo em vista que este trabalho não apresenta como foco a variação linguística, é importante considerar que, assim como os estudos variacionistas, a presente pesquisa visa à descrição qualitativa de um fenômeno variável, que é a nasalidade em posição final de palavra, tendo como objetivo sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade. Para tanto, observa-se a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra forma variante.

2.3.4 Ortografia dos ditongos nasais

Em relação à ortografia, os ditongos, em alguns casos, podem ser escritos de formas distintas e, na fala, serem pronunciados de igual forma ou diferenciando-se em relação à tonicidade. Com isso, observa-se (cf. Quadro 2) a correspondência existente entre a letra, o som produzido (passível de variação) e o fonema.

Letra	Som	Fonema	Exemplo
-ão; -am	[ãw̃]	/auN/	<i>refrão; cantam</i>
-em; -en	[ẽw̃]	/eN/	<i>homem; hífen</i>
-im	[ĩ]	/iN/	<i>capim</i>
-om; -on	[õw̃]	/oN/	<i>bombom; íon</i>
-um	[ũw̃]	/uN/	<i>jejum</i>

Quadro 2 – Representação da relação entre letra, som e fonema dos ditongos nasais
Fonte: Elaboração própria

Alguns estudos prévios, como os de Abaurre (1998), Miranda (2011), entre outros, mostram que há a variação em relação à grafia da nasalidade. Como lembra Abaurre (1998), parece que, em fase inicial de escrita inicial, a criança tende a fazer uma simplificação da estrutura silábica. A criança pode deixar de marcar a nasalidade, não porque tal fato passe despercebido, mas porque ela, talvez, ainda não domine as regras do sistema ortográfico para fazer tal marcação.

Em seu estudo relacionado a erros ortográficos, Miranda (2011) mostra que há maior ocorrência de erros na grafia de codas nasais quando comparadas às codas fricativas e róticas. Conforme a autora, isso ocorre, dentre outras possibilidades apontadas no estudo, porque a criança pode entender o segmento nasal como uma sequência CVN, ou seja, uma estrutura simples, a qual, em fase de aquisição de escrita, torna-se difícil de ser grafada conforme o padrão da língua, já que é neste momento que a criança acessa as informações acerca da estrutura fonológica da língua.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, que está dividido em cinco seções, estão elencados os aspectos concernentes ao desenvolvimento do presente estudo. Na primeira seção, consta a descrição geral da metodologia, na qual há informações sobre a característica da pesquisa, além dos aspectos que a constituem. Na segunda seção, há a descrição do processo de composição do banco de textos do qual foi constituída a amostra utilizada para este estudo. A terceira refere-se à amostra de textos analisados, aos procedimentos de levantamento e organização dos dados. A seção seguinte aborda o tipo de pesquisa neste estudo. A quinta, e última seção, elenca as variáveis utilizadas na pesquisa.

3.1 Descrição geral da metodologia

A fim de contemplar os objetivos propostos, a metodologia adotada visa à possibilidade de descrição e análise qualitativa dos dados, para que seja possível observar quais os processos envolvidos no fenômeno em questão: a desnasalização do ditongo nasal em final de palavra. Para isso, os dados obtidos serão descritos a partir de uma análise que prima pela interpretação do fenômeno, pela atribuição de significados aos resultados obtidos e pelos processos que resultam no erro ortográfico.

Para a pesquisa, do total de 2.024 produções escritas de forma espontânea que compõem o primeiro estrato de textos do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE – FaE/UFPel), utilizam-se 1.929 textos. Tal escolha

justifica-se devido ao fato de 95 textos serem escritos por crianças em nível pré-silábico, que, nessa etapa, não fazem a associação da fala com a escrita (cf. FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). A importância do uso de textos escritos espontaneamente se dá devido ao fato de as crianças serem

perfeitamente capazes de escrever espontaneamente. Se autorizadas (e estimuladas) a fazerem um uso natural da escrita, elas a utilizarão como um espaço privilegiado de reflexão e ação sobre a própria linguagem, em uma atividade que permite inferir hipóteses sobre as representações linguísticas subjacentes com as quais operam durante o processo de aquisição da representação escrita de sua língua nativa. O processo de aquisição da escrita deve, de fato, ser considerado uma instância particular do processo mais geral de aquisição da linguagem, na medida em que define um período, no interior do processo geral, no qual as crianças entram em contato com dados linguísticos escritos e começam a levar em conta esses dados na construção de sua competência linguística. (ABAURRE, 2011, p. 175-6)

Dessa forma, é a partir da escrita espontânea que a criança manifesta o conhecimento que possui acerca do seu sistema linguístico, utilizando hipóteses e inferências que se manifestam na grafia das palavras.

3.2 Banco de textos BATALE

O Banco de Textos de Aquisição de Linguagem Escrita (BATALE – FaE/UFPel) começou a ser constituído em setembro de 2001, concomitante à criação do Grupo de Estudos de Aquisição de Linguagem Escrita (GEALE). Atualmente, o BATALE é composto por sete estratos. A saber:

1º estrato: composto por textos narrativos produzidos entre os anos de 2001 e 2004 por crianças de 1ª a 4ª série de uma escola pública e outra particular da cidade de Pelotas-RS;

2º estrato: desse estrato, fazem parte textos narrativos produzidos por crianças portuguesas, da região de Lisboa, de 1º a 4º ano. Tais coletas foram realizadas no ano de 2008;

3º estrato: constituído por textos narrativos produzidos por crianças de 1º a 4º ano de duas escolas públicas, da cidade de Pelotas-RS, coletados em 2009;

4º estrato: composto por textos longitudinais de 15 alunos de EJA, coletados em 2009 em uma escola pública da cidade de Pelotas-RS;

5º estrato: tal estrato abarca textos narrativos de 1º a 3º ano, coletados no ano de 2009 e produzidos por crianças portuguesas da região do Porto;

6º estrato: composto por textos narrativos produzidos a partir de estimulação para a grafia das soantes palatais, 'lh' e 'nh' por crianças de 1ª a 4ª série de uma escola Pública da cidade de Pelotas, coletados em 2009;

7º estrato: desse estrato fazem parte textos narrativos, descritivos e argumentativos produzidos por crianças de 1º a 4º ano de uma escola pública, da cidade de Pelotas-RS, coletados em 2013.

Para o presente estudo, utiliza-se o primeiro estrato do Banco. As produções escritas foram produzidas por alunos com idade entre 6 e 10 anos, que, à época da coleta, cursavam os primeiros anos do ensino fundamental. Além do critério público/privado da rede de ensino, no primeiro estrato, utiliza-se também, para a caracterização do acervo de textos, o nível de escolarização dos pais. Além disso, é importante salientar que o tipo de coleta realizada em tal estrato fora transversal e longitudinal, sendo que os textos foram coletados sempre nas mesmas turmas, o que propiciou o acompanhamento de parte dos alunos ao longo de, pelo menos, quatro anos no período que compreende a primeira e a décima coleta, ou seja, entre 2001 e 2004.

O Banco possui textos escritos de forma espontânea por crianças em fase de aquisição de escrita e são motivados a partir de imagens que apresentam uma sequência, propiciando a escrita de uma narrativa. Para a presente pesquisa, que desconsidera textos em nível pré-silábico, utilizam-se 1.929 textos, sendo que, desses, 1.144 foram produzidos na escola pública e 880, na escola particular. Essa escolha justifica-se devido ao fato de tal estrato compreender coletas nas mesmas escolas (uma pública e outra privada), com os mesmo informantes, durante o período de quatro anos. Nos quadros 3 e 4, é apresentada a distribuição das dez coletas realizadas durante o período de 2001 a 2004 nas duas escolas (pública e particular), divididas por séries e semestres, conforme o número de textos produzidos em cada coleta. É importante salientar que as coletas incluem os textos de nível pré-silábico.

	1ª 2001/2	2ª 2001/2	3ª 2002/1	4ª 2002/2	5ª 2003/1	6ª 2003/2	7ª 2003/2	8ª 2004/1	9ª 2004/2	10ª 2004/2	Total por série
1ª	43	21	19	11	43	19	38	44	43	47	328
2ª	27	25	23	18	23	35	38	41	37	41	308
3ª	17	18	18	24	16	36	18	35	36	39	257
4ª	20	16	21	21	52	31	43	34	39	34	311
Total	107	80	81	74	134	121	137	154	155	161	1.204

Quadro 3 – Quadro da coleta de textos na escola pública
Fonte: BATALE

	1ª 2001/2	2ª 2001/2	3ª 2002/2	4ª 2002/2	5ª 2003/1	6ª 2003/2	7ª 2003/2	8ª 2004/1	9ª 2004/2	10ª 2004/2	Total por série
1ª	29	35	22	18	26	23	21	14	11	14	213
2ª	21	24	30	31	28	25	22	16	17	18	232
3ª	17	16	26	24	33	32	28	23	24	21	244
4ª	26	25	22	22	30	29	9	21	21	21	226
Total	93	100	100	95	117	109	80	74	73	74	915

Quadro 4 – Quadro da coleta de textos na escola particular
Fonte: BATALE

3.2.1 Coleta de textos do BATALE

As produções textuais pertencentes ao Banco foram coletadas por bolsistas pertencentes ao grupo de pesquisa supracitado, as quais informavam aos alunos acerca das atividades que seriam feitas. Após a realização de algumas atividades que estimulavam a espontaneidade e criatividade dos alunos, as bolsistas propunham a escrita de textos por meio de quatro oficinas (como, por exemplo, ilustrado na figura 9). É importante salientar que as bolsistas apenas propunham a temática das oficinas, sem interferir no processo criativo do aluno, bem como sem auxiliar na grafia das palavras.



Figura 9 – Exemplo de ilustração usada nas oficinas de coleta de textos
Fonte: BATALE

Dentre as oficinas desenvolvidas, está a de “História em quadrinhos”, a qual foi apresentada na forma de quadrinhos desordenados, ou seja, com a sequência lógica trocada. Com isso, foi solicitado aos alunos que organizassem os quadrinhos a fim de tornar a história coerente. Após, foi entregue um envelope com outra história “desorganizada” para que os alunos a organizassem e fizessem um texto.

Já a segunda oficina, por exemplo, era intitulada “Passeata dos animais” e consistia em contar uma história acerca de uma passeata realizada por animais a fim de reivindicarem por seus direitos (comida, carinho, dono, casa, etc.). Após, os alunos receberam a imagem de um animal e criaram uma história explicando por quais motivos o bicho estava presente na passeata.

Outra oficina, intitulada “Animais fantásticos”, foi desenvolvida a partir de histórias da Mitologia e da Literatura e consistia em histórias sobre animais incomuns e mágicos. Os alunos deveriam produzir um texto a partir da junção de

partes de dois animais distintos. Na oficina “Dando vida aos objetos”, os alunos deveriam produzir um texto pensando na hipótese de seus objetos preferidos ganharem vida. Com base na história “A Bela e a Fera”, os alunos deveriam contar como seria se os objetos sofressem personificação.

Ao término das coletas, as bolsistas digitaram os textos dos alunos com a revisão da coordenadora do projeto, prof^a. Dr^a. Ana Ruth Miranda, mantendo-os fiéis ao original. Após, os erros ortográficos foram registrados em fichas a fim de organizá-los e catalogá-los para futuras pesquisas.

3.2.2 Organização de textos no BATALE

Após cada coleta realizada pelas bolsistas de pesquisa, os textos foram organizados de acordo com a escola, a série, a turma (em determinadas séries, havia duas turmas, 2^aA e 2^aB da escola pública, por exemplo) e a data de coleta. Tais textos, a partir do critério organizacional supracitado, foram catalogados e divididos em pastas, além de digitados, conforme a escrita original, digitalizados e gravados em CD.

Os erros ortográficos presentes nos textos foram registrados e organizados em fichas com as seguintes categorias: erros que alteram fonema, erros que não alteram fonema, erros de motivação fonética, erros de estrutura silábica, erros de segmentação e erros de acentuação. Após, os dados foram inseridos no "ErrOrtog", o qual foi modelado pelo prof. Dr. Luis Centeno do Amaral, do Centro de Letras e Comunicação da UFPel, e tem como software o Microsoft Access (cf.Figura 10). É importante salientar que todos esses processos de catalogação e organização foram realizados pelas bolsistas e sob a supervisão da prof^a. Dr^a. Ana Ruth Miranda.

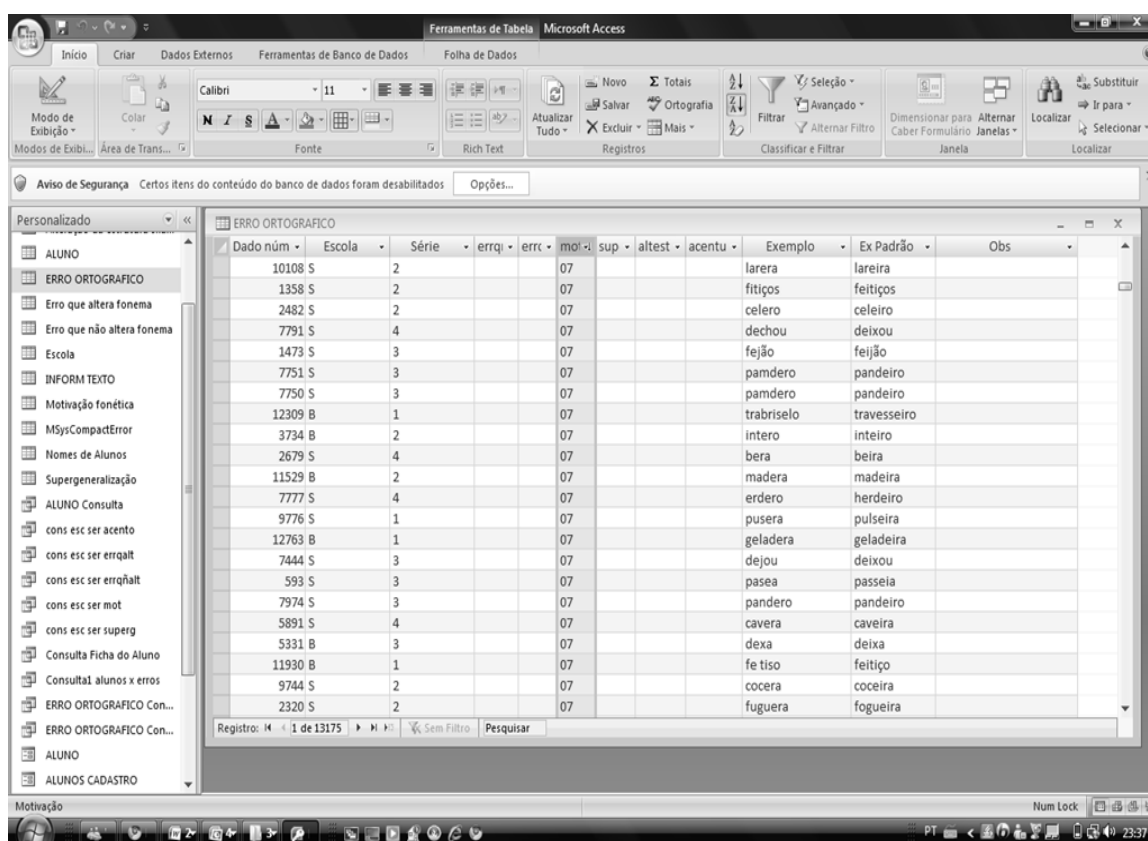


Figura 10 - Interface do ErrOrtog
Fonte: BATALE

3.3 Amostra analisada neste estudo

Para a presente pesquisa, foram consultados textos pertencentes ao primeiro estrato do Banco. Os 2.024 textos utilizados foram produzidos por crianças de 1ª a 4ª série e compreendem o período de coleta entre o primeiro semestre do ano de 2001 e o segundo semestre de 2004. No quadro 5, observa-se a amostra de textos divididos por série, obtidos nas coletas.

	Escola pública	Escola particular
1ª série	298	183
2ª série	278	227
3ª série	257	244
4ª série	311	226
Total	1.144	880

Quadro 5 – Quadro do total de textos por série nas escolas pública e particular
Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista os dados considerados válidos para esta pesquisa, será realizada uma análise qualitativa das grafias dos ditongos nasais em posição final de palavra. Com tal análise, poderão ser verificados os fenômenos envolvidos no processo de desnasalização desses ditongos na grafia das crianças, como também os fatores extralinguísticos que se mostraram relevantes para a ocorrência do fenômeno.

3.4 Análise qualitativa

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), na pesquisa qualitativa, prima-se, dentre outros aspectos, pelo processo envolvido na pesquisa, não enfocando somente nos resultados. Além disso, tal estudo possibilita a análise criteriosa e particular dos dados, com descrição dos sujeitos, a fim de instaurar a boa qualidade nesse tipo de pesquisa, uma vez que “o pesquisador qualitativo quer entender diferentes ambientes sociais no espaço social, tipificando estratos sociais e funções, ou combinações deles, juntamente com representações específicas” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 57).

Na escrita inicial, existem momentos de uso da linguagem mais favoráveis ao surgimento de ocorrências singulares, nas quais emerge a relação individual do sujeito com a linguagem. Assim, observa-se que o processo de aquisição da linguagem constitui-se num desses momentos e, dessa forma, os dados recolhidos para este estudo trazem indícios de um processo em que se constituem instancias episódicas e locais (cf. ABAURRE, 1996). Tais ocorrências são únicas, pelo fato de possibilitar que alguns aspectos da linguagem se tornem mais visíveis durante o processo de aquisição, podendo “contribuir de forma significativa para uma discussão mais profícua da natureza da relação sujeito/linguagem no âmbito da teoria linguística” (ABAURRE, 1996, p.112).

3.5 Variáveis consideradas no estudo

Nesta subseção, são apresentadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a análise da desnasalização em escrita inicial.

Tendo em vista que esta pesquisa apresenta caráter qualitativo, os dados serão analisados individualmente, tomando-se como base a amostra recém mencionada. Estudos prévios como os de Cunha (2004), Ney (2012) e Adamoli (2006), cujo foco incide sobre a escrita inicial, e Bopp da Silva (2005) e Battisti (2002), voltados para estudos de variação, auxiliam para a categorização das variáveis.

3.5.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas foram definidas com base na exploração dos dados, nas hipóteses formuladas para o fenômeno em questão e nos modelos teóricos que embasam o estudo. Tais variáveis constituem-se de grupos de fatores que podem favorecer a aplicação de uma regra variável. Tendo em vista que a categoria gramatical da palavra e a extensão desta podem influenciar a ocorrência do fenômeno de desnasalização, selecionaram-se as seguintes variáveis:

- a) Categoria gramatical: os dados encontrados serão divididos em *verbo* e *nome*, ou seja, verbos serão agrupados, assim como os substantivos e adjetivos encontrados;
- b) Posição da sílaba que contém a nasal: a nasalidade será analisada em dados que apresentam a nasal em posição final de palavra;
- c) Tonicidade da sílaba: os dados encontrados serão analisados com relação à tonicidade da sílaba, ou seja, observa-se se a desnasalização ocorre em sílabas átonas ou tônicas.

3.5.2 Variáveis extralinguísticas

Considerando-se que a sociolinguística é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade em que se origina, isto é, considera a possibilidade de influência das características sociais em relação ao desempenho linguístico do falante, serão consideradas, nesta pesquisa, duas variáveis extralinguísticas. A saber:

a) Tipo de escola: análise dos dados em relação à escola pública e à particular.

b) Série: análise dos dados quanto à série do ensino fundamental;

É importante salientar que a variável tipo de escola apresenta relevância para o desenvolvimento da pesquisa, já que se busca observar uma possível diferença na escrita dos alunos em relação às grafias das palavras, uma vez que cada escola possui características sociolinguísticas distintas. Assim, Bortoni-Ricardo (2005, p. 131) afirma que “pode-se dizer que o principal fator de variação linguística no Brasil é a secular má distribuição de bens materiais e o consequente acesso restrito da população pobre aos bens da cultura dominante”.

Ainda, estudos como os de Mollica (1998) e Terzi (1995), mostram que alunos de escolas particulares, tendem a ter um contato precoce com a língua escrita e, por consequência, apresentam mais domínio facilidade em relação às regras presentes na língua. Além disso, utilizam uma variedade dialetal mais próxima do padrão e têm contato mais sistemático com as instituições promotoras de letramento.

Em contrapartida, alunos de instituições públicas, principalmente de zonas periféricas, apresentam, em geral, contato restrito com a língua escrita antes de chegarem à escola. Ademais, suas participações em eventos de letramento não são frequentes, o que pode acarretar em dificuldades no período de alfabetização caso a escola despreze as diferenças dialetais (já que o dialeto utilizado dista do considerado padrão).

Em relação às escolas em que os textos foram coletados, tem-se as escolas pública e a particular. A primeira é mantida pelo Governo Municipal, e disponibiliza à população as séries que compreendem o ensino fundamental. Situa-se na zona

central da cidade. No que se refere à escolaridade dos pais dos alunos, conforme as informações obtidas na secretaria da escola, a maioria apresenta escolaridade primária e, por vezes, secundária.

A escola particular, no ano de 2006, cessou suas atividades. À época das coletas, localizava-se no centro da cidade, oferecendo as séries que fazem parte da educação básica. O grau de instrução dos pais dos estudantes, conforme as informações cedidas pela escola do educandário, era, em geral, de nível superior completo.

É importante salientar que, quando foram coletados os textos, ambas escolas apresentavam projetos político-pedagógicos para as séries iniciais muito semelhantes, além de serem reconhecidas como instituições que possuíam boa qualidade de ensino.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, serão descritos e analisados os dados que constituem a amostra referente às grafias que envolvem o ditongo nasal. A fim de oferecer um panorama dos dados encontrados, será apresentado o conjunto geral de erros independentemente da motivação que possa tê-lo produzido.

Nos quadros 6 (a) e (b), estão apresentados os dados¹² extraídos dos textos analisados, considerando-se a variável tipo de escola: pública e particular.

Série	Dado	Forma padrão
1ª série	'pegaro' 'rrovorvero' 'tei' 'sairau' 'quebrarau'	pegaram resolveram tem saíram quebraram
2ª série	'resol fero' 'votario'; 'voltaro' 'foser' 'ataquaõm' 'fil'; 'fel' 'fereã' 'come saro'; 'comesaro' 'sejogaro' 'valaro' 'tanbi' 'viviro'; 'vivero' 'batero'	resolveram voltaram fossem atacam fim foram começaram se jogaram falaram também viveram bateram

¹² Nos quadros 6 (a) e (b) encontram-se os dados utilizados para este estudo, exceto aqueles em que há uso de -ão em detrimento de -am ('fizerão' para "fizeram", por exemplo). Isso se deve ao fato do elevado número de vocábulos, visto que há 423 ocorrências desse tipo de erro, 353 na escola particular e 70 na escola pública.

	'ficero' 'mecompraro' 'fouro' 'nigei' 'comero' 'tei' 'seicom traro' 'tabou' 'aicha' 'ficarã' 'pre pararã' 'ruis' 'conseguiras' 'dismascararo'	fizeram me compraram foram ninguém comeram tem se encontraram tá bom acham ficaram prepararam ruim conseguiram desmascararam
3ª série	'asse' 'conhecero' 'casarar' 'apareção' 'vovorao' 'capis' 'canto' 'secotarão' 'inão' 'persona' 'doo'	assim conheceram casaram aparecem viveram capim cantam se encontraram iam personagem doam
4ª série	'assir' 'falarar' 'ficarar' 'tentaro';' temtaro' 'partiro' 'mei' 'quei' 'viveral' 'queimaro' 'fizero' 'viro' 'morou' 'decha' 'fuzir'	assim falaram ficaram tentaram partiram nem quem viveram queimaram fizeram viram moram deixavam fugiram

Quadro 6 (a) – Erros ortográficos referentes à grafia da nasal em relação à série em escola pública
 Fonte: BATALE

Série	Dado	Forma padrão
1ª série	'assis' 'seconage' 'foro'	assim sacanagem foram
2ª série	'resol fero'	resolveram
3ª série	'lobesomo' 'pegaro' 'foro'	lobesomem pegaram foram
4ª série	'apagar'	apagaram

Quadro 6 (b) – Erros ortográficos referentes à grafia da nasal em relação à série em escola particular
Fonte: BATALE

Com base nos quadros recém apresentados, com o intuito de analisar o tipo de grafia encontrada, bem como o número de vezes que cada uma delas ocorre, serão apresentados agrupamentos que seguem o critério: processo gráfico envolvido na escrita de formas verbais e nominais.

4.1 Verbos

Na categoria dos verbos, os dados serão agrupados (cf. Quadro 7) de acordo com a grafia observada a partir do levantamento dos dados. As alterações em questão envolvem as formas terminadas em 'am' e 'em', como mostram os dados¹³ a seguir:

Alteração gráfica	Exemplo	Padrão
-am > -o	<i>pegaro</i>	pegaram
-am > -au	<i>sairau</i>	saíram
-am > -ou	<i>morou</i>	moram
-am > -io	<i>votario</i>	voltaram
-am > -aõm	<i>ataquaõm</i>	atacaram
-am > -eã	<i>fereã</i>	fizeram
-am > -ao	<i>vovorao</i>	viveram
-am > -ão	<i>secotarão</i>	se encontraram
-am > -a	<i>acha</i>	acham
-am > -ã	<i>ficarã</i>	ficaram
-am > -ãn	<i>pre pararãn</i>	prepararam

¹³ Conforme o observado nos textos, as formas 'sairau' e 'morou' são, de fato, grafadas com a letra 'u', assim, descarta-se a possibilidade de se tratar da letra 'm' grafada de forma peculiar.

-am > -as	<i>conseguiras</i>	conseguiram
-am > -ar	<i>casarar</i>	casaram
-am > -al	<i>vivalal</i>	viveram
-am > Ø	<i>apagar</i>	apagaram
-em > -ei	<i>tei</i>	tem
-em > -er	<i>foser</i>	fazem
-em > -ão	<i>apareção</i>	aparecem

Quadro 7 – Dados referentes ao tipo de alteração observada nos verbos
 Fonte: Elaboração própria

A partir da distribuição dos dados, organizados nas classes de verbos e nomes (ver seção 4.2), foi feita nova distribuição, a fim de que se possa observar dados que correspondem ao processo de desnasalização, bem como aquelas grafias não convencionais em que a nasalidade é mantida. Com isso, os dados encontrados na categoria verbos puderam ser agrupados conforme mostram os Quadros 8, 9 e 10:

Desnasalização	Monotongo	-am > -o
		-am > -a
	Ditongo	-am > -au
		-am > -ou
		-am > -io
		-am > -ao
		-em > -ei
	Apagamento	-am > Ø

Quadro 8 - Desnasalização dos ditongos na categoria dos verbos
 Fonte: Elaboração própria

Manutenção da nasalidade	Monotongo	-am > -ã
		-am > ãn
	Ditongo	-am > -aõm
		-am > -eã
		-am > -ão
		-em > -ão

Quadro 9 - Manutenção da nasal dos ditongos na categoria dos verbos
 Fonte: Elaboração própria

Outras grafias	-am > -as
	-am > -ar
	-am > -al
	-em > -er

Quadro 10 - Outras grafias dos ditongos na categoria dos verbos
Fonte: Elaboração própria

De acordo com a organização e a distribuição dos dados nos quadros 8, 9 e 10, é possível observar que os dados que compõem a amostra analisada foram distribuídos em três grupos: desnasalização, manutenção de nasalização e outras grafias. No quadro 8, o processo de desnasalização produz dados que podem ser divididos em três subgrupos: monotongo, ditongo e apagamento. O primeiro contém dados em que se observa um processo de redução em que o ditongo perde sua semivogal e passa a uma vogal simples (*'foro'* para foram, por exemplo). Dessa forma, tem-se, além da perda da nasalidade, a alteração da qualidade da vogal (de *'a'* para *'o'*), o que, sob o ponto de vista fonológico, é comum em PB. Ainda, no grupo do monotongo, há o processo de *'am'* para *'a'*, em que perde-se a nasalidade mas a vogal mantém-se, sendo um erro incomum na fala e na ortografia.

Já o segundo grupo é composto por grafias nas quais duas vogais estão presentes, mas o registro na nasalidade não é observado (*'sairau'* para saíram; *'morou'* para moram; *'votario'* para voltaram; *'vovorao'* para viveram; *'tei'* para tem, por exemplo).

Embora o foco do trabalho não seja o processo em que há a manutenção do traço de nasalidade na sílaba, o tema será abordado de forma sucinta a fim de resgatar, a partir do *corpus* da pesquisa, as possibilidades encontradas nos dados a partir da grafia das sílabas com nasalidade em final de palavra. A partir de tal levantamento, objetiva-se ainda dar conta da oposição entre os casos em que há a preservação ou não do ditongo, independentemente do traço de nasalidade ser representado na forma gráfica.

No quadro 9, tem-se a manutenção de nasalidade no segmento, ou seja, houve a preservação da nasal na sílaba, porém, ortograficamente, está em desacordo com a norma da língua. Assim, observam-se formas monotongadas, tais como *'ficarã'* para ficaram e *'pre pararãn'* para prepararam. Ainda, em relação à manutenção de nasal, observa-se o erro em *'ataquaõm'* para atacam; *'fereã'* para

foram; ‘*secotarão*’ para se encontraram; ‘*apareção*’ para aparecem; evidenciando, assim, que, embora haja preservação do ditongo e do arquifonema nasal, foram escritos de forma incorreta.

Em 10, no quadro que representa o agrupamento das grafias não classificadas, observam-se erros relativos ao preenchimento da coda em final de palavra com elementos que podem, de acordo com o sistema linguístico do PB, preencher tal espaço, dando indícios de que a criança está tratando a nasal como segmento de coda. Tais dados serão abordados nas subseções seguintes de forma individual, a partir de uma análise qualitativa.

4.1.1 Dados de desnasalização

Tendo em vista os agrupamentos expostos e a organização dos dados, discutem-se, a seguir, os processos fonético-fonológicos identificados nas variações ortográficas analisadas. Primeiramente, observa-se a ocorrência e o número de vezes da grafia em que há a troca de *-am> -o*, a qual pode ser vista nos quadros 11 (a) e (b), de acordo com o tipo de escola.

Escola pública				
Verbos				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am> -o	<i>pegaro (1x)</i> <i>rrovorvero (4x)</i> <i>dismascararo (1x)</i>	<i>resol fero (1x)</i> <i>voltaro (1x)</i> <i>come saro (1x)</i> <i>sejogaro (1x)</i> <i>valaro (2x)</i> <i>viviro (1x)</i> <i>vivero (1x)</i> <i>batero (1x)</i> <i>ficero (1x)</i> <i>mecompraro (1x)</i> <i>fouro (2x)</i> <i>comero (1x)</i> <i>seicom traro (1x)</i>	<i>conhecero (1x)</i> <i>canto (1x)</i> <i>doo (1x)</i> <i>vivero (2x)</i>	<i>tentaro (1x)</i> <i>temtaro (1x)</i> <i>partiro (1x)</i> <i>queimaro (1x)</i> <i>fizero (2x)</i> <i>viro (1x)</i>
Total	3 vocábulos 6 ocorrências	13 vocábulos 15 ocorrências	4 vocábulos 5 ocorrências	6 vocábulos 7 ocorrências

Quadro 11 (a) – Erros ortográficos em verbos: de *-am> -o* na escola pública
Fonte: BATALE

Escola particular				
Verbos				
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a
-am> -o	<i>foro (1x)</i>		<i>pegaro (1x)</i> <i>foro (1x)</i>	
Total	1 vocábulo 1 ocorrência		2 vocábulos 2 ocorrências	

Quadro 11 (b) – Erros ortográficos em verbos: de -am> -o na escola particular
Fonte: BATALE

A partir dos quadros acima, verifica-se que há, na escola pública, maior número de vocábulos escritos em desacordo com a norma, bem como, número maior de ocorrências. Nessa escola, a maior frequência dos erros ocorre na 2^a série, enquanto, na escola particular, as poucas ocorrências são encontradas na 1^a e na 3^a série. A maior incidência de erros deste tipo nos dados de 2^a série da escola pública pode ser decorrente da conjunção de dois fatores: o primeiro relacionado ao fato de haver maior concentração de erros na 2^a série da escola pública, o que já foi observado em estudos anteriores desenvolvidos sobre a mesma base de dados (Cunha, 2004; Miranda et al., 2005; Miranda, 2012, 2013). A explicação que tem sido dada, explora o fato de as crianças da escola pública, em se comparando as da particular, terem, de modo geral, menor acesso a práticas sistemáticas de leitura e escrita antes do ingresso na escola e, em consequência, começam a produzir escritas alfabéticas um pouco mais tarde, ao final do 1^o e/ou no 2^o ano. O segundo fator pode estar relacionado a questões de ordem dialetal, pois formas verbais desnasalizadas na produção oral são produções mais características de dialetos menos prestigiados (cf. SCHWINDT; BOPP DA SILVA, 2009).

Tendo em vista que o objetivo da presente pesquisa consiste em descrever e analisar os erros ortográficos referentes à grafia dos ditongos nasais na posição final de palavra em dados de escrita espontânea de crianças dos primeiros anos do ensino fundamental, os dados apresentados contêm, em sua estrutura gráfica, o processo de desnasalização. Esse processo consiste em suprimir o segmento nasal presente no vocábulo e, nas figuras acima, tais vocábulos apresentam o processo ao serem grafados com a vogal ‘o’ em detrimento da vogal seguida da consoante nasal pós-vocálica, ‘am’.

No que tange ao aspecto fonético-fonológico dos dados supracitados, estudos prévios como os de Battisti (2002) e Amaral (2014) embasam a análise referente à grafia *-am* > *-o* em posição final de palavra. Ao analisar a fala de brasileiros adultos no sul do Brasil, Battisti (2002) conclui que a sílaba átona é passível de redução, enquanto a tônica não sofre o mesmo processo. Os dados em questão, no estudo da pesquisadora, foram analisados a partir de variáveis extralinguísticas, tais como: localização geográfica (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), anos de escolaridade dos informantes (de 0 a 12 anos) e sexo (homem e mulher). Nos dados da presente pesquisa, observa-se que, de fato, a redução dá-se na sílaba átona dos vocábulos, o que vai ao encontro da afirmativa acerca da desnasalização feita por Battisti (2002).

O estudo de Amaral (2014), que abarca os estudos de Borges (2004) e Santos-Jucoski (2007), realizado com base nos dados do Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social (VarX), os quais são obtidos por meio de entrevistas realizadas na cidade de Pelotas (RS), evidencia alguns processos com base na variação linguística. Dentre outros fatos observados no estudo, encontra-se a utilização de *-u* em detrimento de *-am*, bem como a manutenção de *-am* em final de palavra.

Conforme os resultados obtidos na pesquisa, observa-se que, na classe baixa, há desfavorecimento (0.37 de peso relativo) para a manutenção do segmento nasal em final de palavra, isto é, os falantes tendem a desnasalizar vocábulos. Já a classe média-alta, ao contrário, mantém (0.60 de peso relativo) a nasalidade em posição final de palavra. Foi observado ainda que, na classe baixa, há um favorecimento (0.63 de peso relativo) para a aplicação da desnasalização, ao passo que na média-alta, há um desfavorecimento à aplicação da desnasalização, ou seja, os falantes que compreendem a classe média-alta produzem menos (0.28 de peso relativo) vocábulos desnasalizados.

Os resultados obtidos na presente pesquisa, embora tratem de textos escritos em fase inicial, ratificam, então, o que aponta os estudos de Amaral (2014), que, indicam para a maior ocorrência do fenômeno em escola pública. Conforme os dados coletados no BATALE, observa-se que o perfil dos pais das crianças que frequentam a escola pública, no que se refere ao grau de instrução, é menor. Com isso, os resultados apontam para a influência do menor grau de instrução como fator que propicia a produção de vocábulos desnasalizados.

Ainda, com relação a questões variacionistas presentes nos dados supracitados, estudos como os de Bortoni-Ricardo (2002; 2005) salientam a existência de contínuos que podem situar um falante da língua em uma linha imaginária com fronteiras indefinidas em relação a três fatores sociais: urbanização, oralidade-letramento e monitoração estilística. No contínuo de oralidade-letramento, têm-se, em um dos extremos, eventos comunicativos marcadamente orais e em outro, o do letramento, em que há um texto que guia a prática oral.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 40)

nos diversos domínios sociais, inclusive na sala de aula, as atividades próprias da oralidade são conduzidas em variedades informais da língua, enquanto para as atividades de letramento, os falantes reservam um linguajar mais cuidado.

No contínuo de oralidade-letramento, assim como nos demais, não há fronteiras específicas, ou seja, os usuários da língua transitam entre os dois polos, fazendo com que eventos comunicacionais letrados apresentem traços de oralidade e vice-versa.

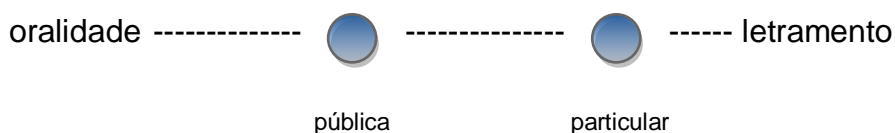


Figura 11 - *Continuum* de oralidade/letramento
Fonte: Adaptado de BORTONI-RICARDO (2004)

Considerando-se os dados do presente estudo, os quais envolvem fenômeno variável, desnasalização de ditongos finais, e a ideia de contínuo proposta por Bortoni-Ricardo (2004), pode-se pensar que as grafias encontradas na escola pública indiciam o uso de formas orais que se situam mais à esquerda enquanto as da particular, mais à direita. Interessante notar, porém, que a presença da letra 'o', nas grafias das crianças, nos dados apresentados em 11 (a) e (b), é um claro indicativo de conhecimento letrado, pois, se assim não fosse, teríamos a presença da letra 'u' no final das palavras.

Com isso, ao grafar vocábulos com 'o', a criança demonstra conhecimento acerca das regras da escrita, já que, em alguns dialetos, as palavras terminadas em -o são, na fala, elevadas (neutralizadas, cf. Câmara Jr., 2011 [1970]) para

terminações com *-u* (como, por exemplo, “lixo” na escrita e ‘*lixu*’ na fala)¹⁴. Entende-se, então, que marcas mais típicas da oralidade permeiam o sistema de escrita, a partir da produção gráfica que desfaz o ditongo nasal e reproduz o vocábulo desnasalizado, e, simultaneamente, marcas de um conhecimento letrado também se manifestam.

O contínuo de monitoração estilística, proposto por Bortoni-Ricardo (2004), refere-se à monitoração que pode ser feita (ou não) em determinadas situações comunicativas. Dessa forma, para a pesquisadora, o falante fará um monitoramento linguístico se a situação comunicativa em que está inserido lhe exigir, bem como utilizará uma linguagem menos monitorada em situações mais informais.

Assim como os outros contínuos, este, de monitoração estilística, é fluido, ou seja, não apresenta fronteiras entre os dois polos dicotômicos. Na grafia dos vocábulos desnasalizados *-am > -o*, é possível inferir que houve um cuidado da criança no momento da escrita, já que, na fala, o processo de desnasalização ocorre de *-am* para *-u*. Com isso, observa-se que, provavelmente, a criança monitora seus atos comunicacionais que, no presente estudo, tangem à escrita e à oralidade. O mesmo raciocínio poderia ser aplicado aos casos em que, no mesmo texto, ambas as formas se manifestam, isto é, grafias com ‘o’ e com ‘am’, como pode ser observado na figura 11, em que se observa a escrita dos vocábulos “*batero*”, “*creseram*” e “*viveram*”.

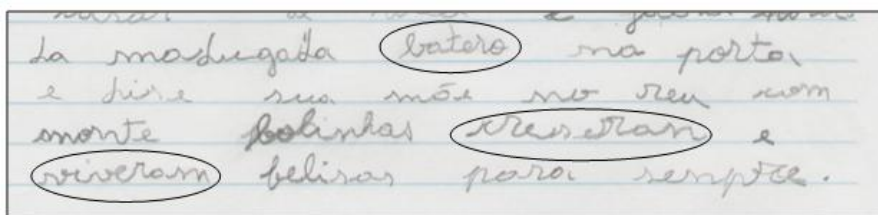


Figura 12 - Excerto do texto em que há as grafias ‘o’ e ‘am’
Fonte: BATALE

Já no contínuo de urbanização (cf. Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52), a autora considera as variedades rurais isoladas. As variedades rurais são utilizadas por falantes que estão distantes geograficamente de um centro urbano e que podem apresentar dificuldade de acesso e falta de meios de comunicação. A área urbana apresenta o desenvolvimento do comércio e das indústrias, além de repartições

¹⁴ [...] para a vogal átona final, seguida ou não de /s/ no mesmo vocábulo, há neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/. Assim, Bilac rima *Argus* com *largos*, *Venus* com *serenos* [...] (CÂMARA JR., 2011 [1970], p. 44).

públicas, civis e militares, com isso, é uma área que detém uma monitoração linguística. Por fim, as variedades urbanas padronizadas são aquelas em que os falantes estão inseridos em uma cultura de letramento, pois há o domínio da escola, do lar, dos hospitais, dos cartórios e etc., em que há uma cultura da oralidade.

Ao estabelecer os pontos do contínuo de urbanização, a autora salienta que é possível localizar qualquer falante brasileiro nesta linha, um vez que

não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos ou urbanos. As fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares (por isso mesmo, falamos de um contínuo) (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 53).

Dessa forma, ao observar-se a ocorrência da grafia de *-am> -o*, mais frequente na escola pública, conclui-se que, é possível que as crianças que frequentavam a escola pública morem em zonas periféricas da cidade e em zonas “rurbanas” (rurais e urbanas, ou seja, aquelas localizadas nem na zona rural, nem na urbana) (cf. Bortoni-Ricardo, 2004, p. 52). Ainda, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 53), existem alguns “falares situados no polo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do polo urbano”, por isso, observa-se a maior ocorrência de erros na escola pública, o que dá indícios de que os alunos que frequentam tal instituição moram em zonas mais afastadas do centro urbano.

Em relação à informação letrada manifestada nos dados, especificamente aquela referente ao uso de informações ortográficas, vale ainda salientar que o alçamento da vogal do ditongo, presente na fala, responsável por formas como *‘fizeru’* para *‘fizeram’*, não foram encontrados sequer uma vez. O estudo de Miranda (2008) acerca da aquisição ortográfica das vogais do português enfatiza a grafia de palavras com *‘e’* e *‘o’* em posição postônica final, na classe dos não verbos. Dentre os resultados obtidos, Miranda (2008) concluiu que os erros para a grafia do *‘e’* aparecem com maior frequência que os erros para a grafia do *‘o’*. Para a autora,

(...) parece ser a informação morfológica contida no marcador de palavra, e não aspectos exclusivos da fonologia, o fator responsável pela aquisição, de certo modo, precoce da grafia correta para a vogal em posição átona final (MIRANDA, 2008, p. 164).

Tendo como base os estudos supracitados, percebe-se que, embora haja uma relação entre a fonologia da língua e a ortografia, o processo de desnasalização presente nos dados apontam para uma possível distinção entre fala e escrita pela criança, já que, conforme Amaral (2014), na oralidade, há presença de vocábulos terminados em *‘u’* e não em *‘o’* e, na escrita, estão presentes vocábulos

grafados somente com 'o'. Ainda, conforme Miranda (2008), a vogal 'o' em posição final traz uma informação morfológica, assim, a grafia do 'o' em detrimento do 'u', como seria na fala, indica que a regra ortográfica referente à grafia das vogais átonas finais é adquirida desde cedo, o que denota o conhecimento da criança sobre o funcionamento do sistema ortográfico. No que diz respeito aos verbos em questão, pode estar ocorrendo uma aplicação da regra de conversão fonema-grafema, nos moldes daquela observada em relação aos nomes.

Ainda em relação às grafias de palavras nas quais o ditongo nasal deveria ter sido registrado, foram observados dados em que houve omissão completa da desinência verbal. Foram encontrados dados em que *-am* passou para $-\emptyset$, com o apagamento de toda a rima da sílaba: o núcleo e a coda silábica, conforme ilustram os dados nos quadros 12 (a) e (b):

Escola pública				
Verbos				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > $-\emptyset$			<i>ficar (1x)</i>	<i>ficar (1x)</i> <i>fusir (2x)</i> <i>dechar (1x)</i>
Total			1 vocábulo 1 ocorrência	3 vocábulos 4 ocorrências

Quadro 12 (a) – Erros ortográficos de em verbos: *-am* > $-\emptyset$ na escola pública

Fonte: BATALE

Escola particular				
Verbos				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > $-\emptyset$				<i>apagar (1x)</i>
Total				1 vocábulo 1 ocorrência

Quadro 12 (b) – Erros ortográficos em verbos: de *-am* > $-\emptyset$ na escola particular

Fonte: BATALE

Conforme observado, a maior incidência de apagamento do núcleo e da coda silábicos ocorre na escola pública, totalizando quatro vocábulos em cinco ocorrências. Dados como este, exigem que se analise o contexto de produção da forma para que se possa observar se o caso é de omissão ou uma escolha relacionada à concordância.

Nos casos em que a ocorrência é oriunda da escola pública, percebe-se que, em todo o texto, a criança não escreve o ditongo nasal, ou seja, tende a apagá-lo. Zorzi (1998, p. 57), analisando estes tipos de casos, levanta duas hipóteses: o processo ocorre por conta da estrutura da sílaba que é complexa ou por que a criança ainda não sabe como representar a nasalidade.

A seguir, está reproduzido um dos textos da amostra analisada nesta pesquisa:

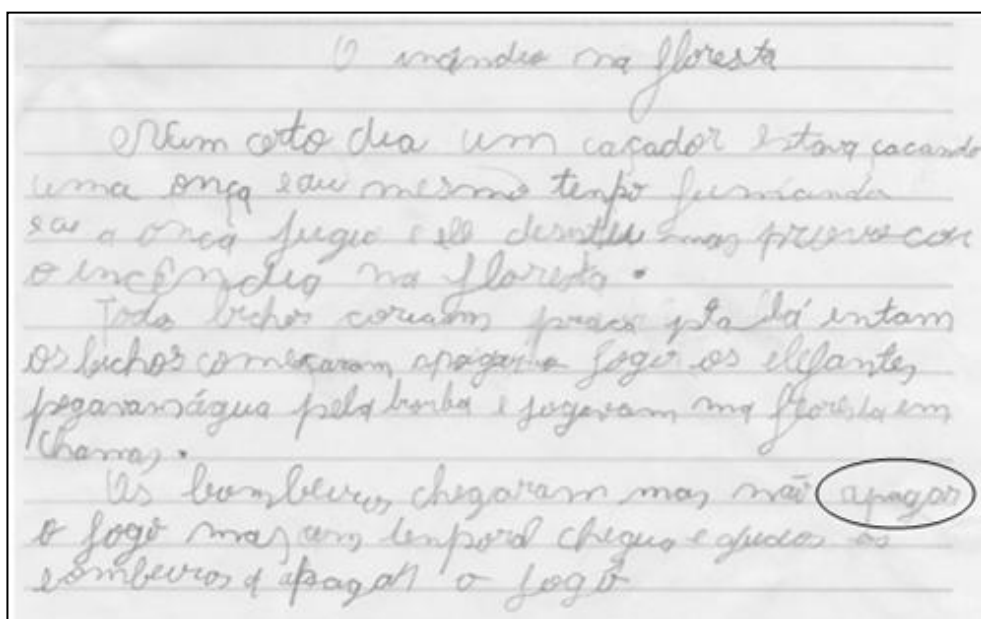


Figura 13 - Excerto do texto com a palavra 'apagar'
Fonte: BATALE

No caso específico da escrita da palavra 'apagar' ao invés de "apagaram" (cf. Figura 13), pelo contexto, não se pode afirmar que se trata de simplificação silábica ou de um caso de falta de flexão do verbo, pois há várias grafias em que a terminação da primeira pessoa do plural se faz presente. Uma hipótese plausível para este caso seria a de que a criança antecipa a forma do infinitivo que irá utilizar duas linhas depois. Porém, no excerto (cf. Figura 14) a seguir, percebe-se que não há utilização de marcas de infinitivo no restante do texto. Tal fato aponta para a hipótese de a criança ter o conhecimento que é preciso, de acordo com a escrita, haver uma coda na sílaba, porém, não tem claramente qual elemento gráfico seria este.

Ainda em relação à escrita destacada na figura 14, é importante salientar que há a hipótese de ser um erro de ordem fonológica ou sintática. Para um erro de

ordem fonológica, analisa-se a questão da possibilidade de grafia de coda consonantal oral em detrimento da coda nasal; enquanto que, sob o ponto de vista sintático, observa-se a falta de concordância verbal entre verbo e sujeito. Na frase em questão, a criança escreveu *'eles fuzir para bem longe'*, o que possibilita inferir que pode-se tratar de um erro sintático.

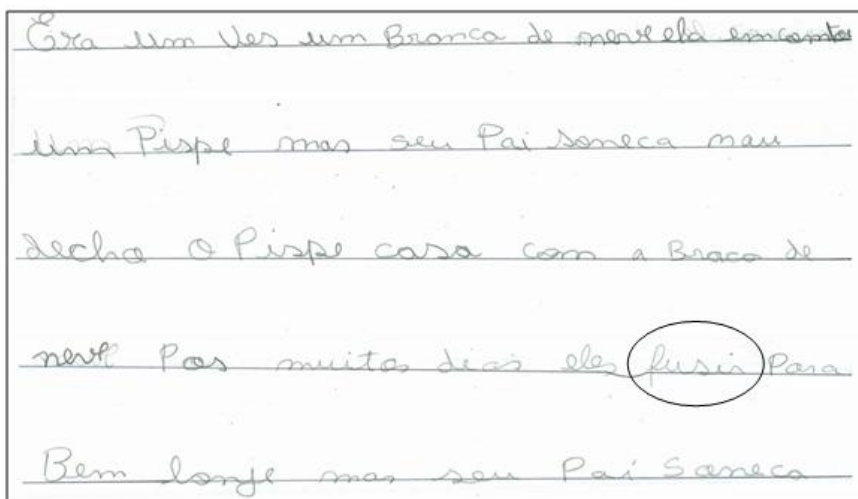


Figura 14 - Excerto do texto com a palavra *'fuzir'*
Fonte: BATALE

Foi observada, ainda, ocorrência na qual houve um tipo de desnasalização cujo resultado é a transformação da coda em monotongo em detrimento do ditongo, a grafia da letra *'a'* em vez de *'am'*. Em tal categoria, observou-se, no texto de uma mesma criança, as duas formas encontradas, conforme mostra o quadro 13:

Escola pública				
Verbo				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -a		aicha (1x) acha (1x)		
Total		1 vocábulo 2 ocorrências		

Quadro 13 – Erros ortográficos em verbos: de *-am> -a* na escola pública
Fonte: BATALE

Assim como nos casos anteriores é importante que se verifique o contexto em que tais produções emergem. O excerto do texto (Figura 14) do qual foram extraídos os dados está reproduzido a seguir:

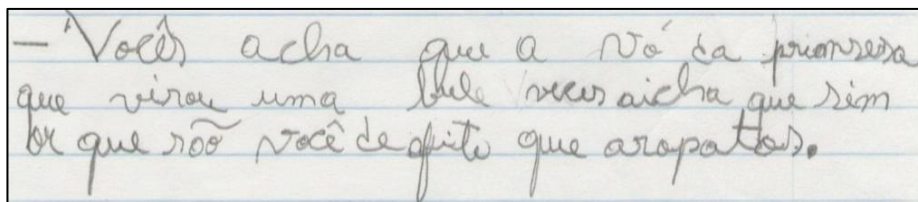


Figura 15 - Excerto do texto com a palavra 'acha' e 'aicha'
Fonte: BATALE

São dois os contextos para o registro das formas 'acham' e em ambas as grafias a criança optou pela forma 'acha'~'aicha'. As características da escrita da criança, que apontam para uma relação forte entre as formas orais e a escrita que ela produz, sugerem que não se trata de um caso de simples desnasalização na escrita, mas, sim, de uma concordância não padrão. Na categoria elencada *-am > -a*, observa-se um vocábulo e somente a ocorrência somente na escola pública. Embora com baixa frequência, tal vocábulo, assim como as formas '*fizero*', '*pegaro*' e '*batero*', tratadas anteriormente, pode estar relacionado com a influência da variante da comunidade. Em ambas se observa, em sílabas átonas finais e em determinadas situações contextuais, a tendência à desnasalização, mas deve-se considerar que os resultados são decorrentes de motivações distintas: no caso recém exemplificado, parece estar em jogo um dado de concordância não padrão e, nos anteriores, a atuação de um processo fonológico sobre a forma flexionada de acordo com o padrão, ainda que a forma resultante não o seja.

Ainda na categoria de desnasalização, observa-se a omissão da nasalidade, porém, a manutenção do ditongo. Nesta categoria, opta-se por agrupar os dados, primeiramente, os que apresentam grafia *-am > -au*; *-am > -io*; *-am > -ao*; *em > -ei* (cf. Quadro 14). A categoria *-am > -ou*, também desnasalizada, mas com manutenção de ditongo, será vista posteriormente, já que implica uma discussão distinta.

Escola pública				
Verbos				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -au	<i>sairau (2x)</i> <i>quebrarau (1x)</i>			
-am > -io		<i>votario (1x)</i>		
-am > -ao			<i>vovorao (4x)</i>	
-em > -ei	<i>tei (1x)</i>	<i>tei (3x)</i>	<i>tei (6x)</i>	
Total	3 vocábulos 4 ocorrências	2 vocábulos 4 ocorrências	2 vocábulos 10 ocorrências	

Quadro 14 – Erros ortográficos em verbos: de ditongo nasal para ditongo oral na escola pública
Fonte: BATALE

No quadro 14, percebe-se que a concentração de erros se dá na terceira série e somente em escola pública, já que não foram encontrados dados de tal natureza na escola particular. Em seu estudo, Zorzi (1998) encontra erros de mesma natureza que os observados no quadro 14 e enfatiza que são erros ligados à fala, afirmando, em relação a tais dados que

provavelmente, antes que a criança se dê conta do conflito que pode haver pelo fato de um mesmo ditongo poder ser escrito de duas formas diferentes, ela esteja tomando a oralidade como referência para suas decisões a respeito do modo de escrever as palavras. (ZORZI, 1998, p. 39)

Neste caso, a criança grafa ditongos orais em detrimento do nasal, o que não significa que seja o mesmo ditongo da forma padrão, já que grafa *[vo'tarju] invés de [vow'tarãwn], por exemplo. Bisol (1998), após demonstrar a derivação para formação do ditongo, preconiza que as vogais nasais externas se superficializam como coda vocálica ou consonântica. Tratando-se de uma coda vocálica, é no final que ela se torna um glide – uma consequência natural da silabação –, ou o glide [y] ou [w], que consiste numa manifestação fonética do ditongo. Dessa forma, tais dados apontam para o fato de que, por inspiração fonética, a criança grafa este tipo de escrita. Ainda em relação ao motivo que leva a criança a não fazer a marcação da nasalidade no ditongo nasal, pensa-se acerca das hipóteses levantadas por Zorzi (1998, p. 57), de que tal processo ocorre por conta da estrutura da sílaba que é complexa, ou por que a criança ainda não sabe como representar a nasalidade na escrita.

Em relação à categoria *-am > -ou* (Quadro 15), é necessário recorrer à produção textual da criança (Figura 15), já que, na grafia de *'morou'*, pode haver

uma preferência pela desinência de singular, isto é, mais um caso em que a concordância não padrão pode estar regulando a escolha gráfica do sujeito.

Escola pública				
Verbo				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -ou				<i>morou (1x)</i>
Total				1 vocábulo 1 ocorrência

Quadro 15 - Erros ortográficos em verbos: de -am> -ou na escola pública

Fonte: BATALE

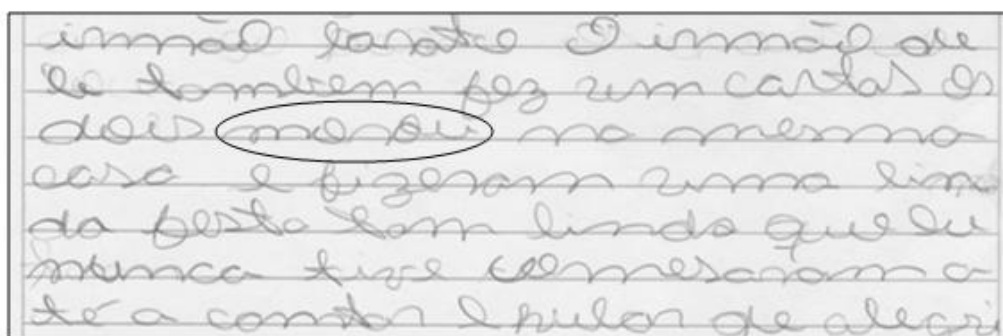


Figura 16 - Excerto do texto com a palavra 'morou'

Fonte: BATALE

No fragmento de texto, apresentado na figura 15, percebe-se que a criança utilizou uma forma verbal inadequada para o contexto, ou seja, utilizou um verbo flexionado no pretérito perfeito do indicativo em 3º pessoa do singular. Conforme se infere pelo contexto, o verbo deveria ser flexionado no mesmo tempo verbal, mas na 3ª pessoa do plural. Dessa forma, observando a totalidade do texto ou apenas o fragmento acima, percebe-se que a criança produz o verbo “morar” em desacordo com a norma, porém, não o faz em outros vocábulos que poderiam estar desnasalizados, como “fizeram” e “comesaram”. Portanto, tal erro pode ser melhor classificado como um erro de ordem sintática, o qual está relacionado à concordância verbal entre os termos da oração, em vez de erro relativo à desnasalização.

Com base nas análises feitas até o presente momento, observa-se que, no que tange ao processo de desnasalização na classe gramatical dos verbos, há, na escola pública, maior incidência do fenômeno (cf. Quadro 16 (a) e (b)). Tal fato pode ser explicado, conforme supracitado, em razão da variação linguística, presentes no PB.

Escola pública				
Verbos				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -o	6	15	5	3
-am > Ø			1	4
-am > -a		1		
-am > -au	3			
-am > -ou				1
-am > -io		1		
-am > -ao			4	
-em > -ei	1	3	6	
Total	10	20	15	8

Quadro 16 (a) – Total de ocorrências de erros ortográficos em verbos que envolvem desnasalização na escola pública

Fonte: Elaboração própria

Escola particular				
Verbos				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -o	1		2	
-am > Ø				1
-am > -a				
-am > -au				
-am > -ou				
-am > -io				
-am > -ao				
-em > -ei				
Total	1	0	2	1

Quadro 16 (b) – Total de ocorrências de erros ortográficos em verbos que envolvem desnasalização na escola particular

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o total de ocorrências presentes nos dados levantados, observa-se que o tipo de escola apresenta influência direta em relação ao fenômeno de desnasalização, já que a escola pública apresenta maior quantidade de dados desnasalizados que a escola particular. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 49), “a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico”. Dessa forma, os alunos de escola pública tendem a desnasalizar um maior número de vocábulos, evidenciando uma possível relação entre a fala e a escrita, especialmente neste grupo, em que, o

acesso às práticas de letramento podem ser mais restritas e o uso de variantes não padrão, mais intenso.

Conforme Battisti (2002, p. 198), há, conforme a variável escolaridade, uma das razões para a estabilidade da regra variável de redução dos ditongos nasais átonos no sistema que é a de que “a escola exerce alguma pressão em favor da manutenção da nasalidade, mas ainda assim a regra é aplicada por indivíduos dos diferentes graus de escolaridade, mesmo que moderadamente”.

Ainda que os erros estejam presentes, na escola pública, em todas as séries e, na escola particular, em três, das quatro em questão, percebe-se que, na escola pública, o menor índice de vocábulos desnasalizados está presente na 4ª série, apontando para o fato de a escrita inicial estar mais próxima do registro falado, ou seja, quanto maior o nível de escolarização, menor a tendência de desnasalização, ainda que ela ocorra.

Na escola particular, mesmo com o baixo índice de desnasalização, a maior ocorrência está na 3ª série, indicando, possivelmente, que, embora inseridas num contexto escolar, as crianças desnasalizam vocábulos independente da escolarização. Ainda assim, tal hipótese vai ao encontro daquela proferida por Battisti (2002) ao afirmar que a regra poderá ser aplicada moderadamente, independente do maior grau de escolarização.

4.1.2 Dados de manutenção da nasalidade

Conforme o levantamento dos dados, encontraram-se vocábulos em desacordo com a norma ortográfica em relação à grafia da nasalidade, porém, diferem-se dos dados já analisados na subseção anterior. A amostra analisada nesta subseção evidencia palavras com marcação de nasalidade por meio do sinal gráfico til ou com dupla marcação de nasalidade, ou seja, além utilizar o segmento nasal /N/, a criança grafa a palavra com til. Nestes casos em que há a manutenção da nasalidade, os dados dividem-se em duas categorias: a que há passagem de ditongo para monotongo e a que mantém o ditongo presente na palavra, porém, em desacordo com a norma ortográfica da língua.

A primeira categoria a ser analisada é aquela em que há a grafia de *-am > -ã*. Neste caso, que ocorre somente em escola pública, tem-se a palavra “*ficarã*” (cf. Quadro 17).

Escola pública				
Verbo				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -ã		<i>ficarã (1x)</i>		
Total		1 vocábulo 1 ocorrência		

Quadro 17 – Erros ortográficos em verbos: de *-am > -ã* na escola pública
Fonte: BATALE

Neste dado, observa-se que há apenas uma ocorrência e apenas um vocábulo, no qual se tem o uso do til e somente uma vogal para representar graficamente o ditongo. A criança prefere não marcar a semivogal na escrita, simplificando a estrutura silábica, isto é, transforma o ditongo em monotongo. No dado “*ficarã*”, a criança simplifica a estrutura silábica para CV, marcando a vogal nasal. Tal ocorrência evidencia o jogo que a criança faz entre o seu sistema fonológico e o sistema escrito quando está em processo de aprendizagem.

Ainda nos dados de monotongo e manutenção da nasalidade, observa-se o vocábulo “*pre pararãn*”, na escola pública. Esse dado (cf. Quadro 18), no presente estudo, será considerado como uma dupla marcação de nasalidade, já que há, no vocábulo produzido pela criança, o uso do til e do segmento nasal em posição de coda silábica.

Escola pública				
Verbo				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -ãn(m)		<i>pre pararãn (1x)</i> <i>ataquãm (1x)</i>		
Total		2 vocábulos 2 ocorrências		

Quadro 18 – Erros ortográficos em verbos: de *-am > -ãn(m)* na escola pública
Fonte: BATALE

Tal tipo de representação também foi encontrada no trabalho de Abaurre (1988, p. 422), cujo fenômeno preferiu chamar de “uso redundante do til”. A autora argumenta que esta grafia pode ser indício de que, no início da aquisição da escrita,

a criança ainda opera com uma representação fonológica abstrata que contém vogais orais e nasais. A pesquisadora lembra que isto se contrapõe à análise fonológica de que a nasalidade é resultante de uma vogal oral seguida de uma consoante nasal.

Há, ainda, no *corpus* dos dados levantados, aqueles que mantêm a nasalidade e o ditongo, porém, em desacordo com a ortografia. Estes dados são os terminados em *-aôm*, *-eã* e *-ão*. De acordo com a análise prévia, optou-se, devido ao maior número de ocorrências, discutir e analisar os dados de *-am* > *-ão* separadamente. Os demais, *-aôm* e *-eã*, serão abordados a seguir, conforme o quadro a seguir:

Escola pública				
Verbo				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -aôm		<i>ataquaôm (4x)</i>		
-am > -eã		<i>fereã (2x)</i>		
Total		2 vocábulos 6 ocorrências		

Quadro 19 – Erros ortográficos em verbos: manutenção da nasalidade e do ditongo (*-aôm* e *-eã*) em desacordo com a ortografia na escola pública

Fonte: BATALE

Nos dados presentes no quadro 19, em que há duas palavras para seis ocorrências, sendo que a terminada em *-aôm* foi grafada quatro vezes, percebe-se a tentativa de grafia que mantém o traço de nasalidade e do ditongo. Porém, a criança, por estar em fase de aquisição, ainda tem dúvidas em relação à ortografia e, dessa forma, grafa palavras de forma equivocada. O exemplo trazido a seguir exemplifica esta indefinição da criança em relação à melhor forma de grafar o ditongo nasal em posição final de verbos.

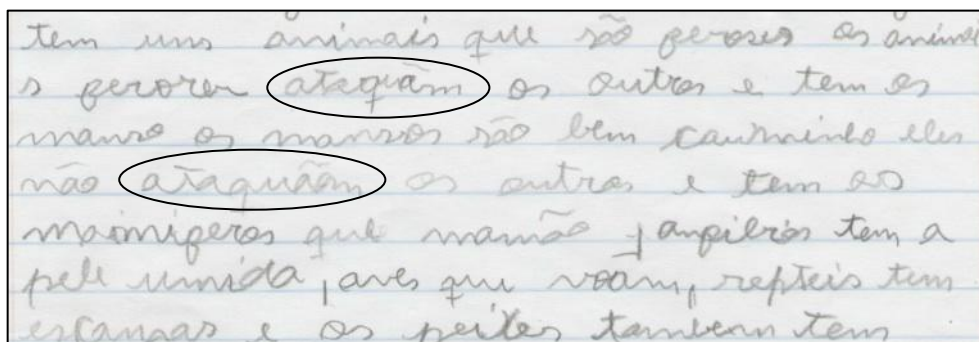


Figura 17 - Excerto de texto com a palavra 'ataquaom'

Fonte: BATALE

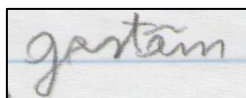


Figura 18 - Excerto de texto com a palavra 'gostã'
Fonte: BATALE

Os excertos apresentados nas figuras 16 e 17 mostram as tentativas de grafia do ditongo nasal nas quais a norma ortográfica, isto é, o uso de 'm' para fazer o registro, e a informação advinda das formas orais se fundem nas grafias produzidas. Grafias como 'ataquã' e 'ataquãom' para 'atacam'; 'mamão', 'voã' e 'gostã' para 'mamam', 'voam' e 'gostam', respectivamente, são ilustrativas da complexidade da grafia do ditongo nasal para os aprendizes.

O último grupo de dados desta categoria em que há a manutenção do ditongo e da nasalidade é referente aos vocábulos grafados com -ão em vez de -am ('viverão' para "viveram", por exemplo). Tais dados, conforme dito anteriormente, constituem um grande número de vocábulos, compreendendo 353 erros na escola particular e 70 erros na escola pública. Tal grafia já foi estudada por Zorzi (1998) e, conforme seu estudo, também há a elevada ocorrência em textos de crianças das primeiras séries do ensino fundamental.

No quadro a seguir, estão apresentados os totais de dados encontrados no corpus estudado, conforme a distribuição de número de vocábulos em relação à série:

-am > -ão			
Escola pública		Escola particular	
Série	Número de vocábulos/ocorrência	Série	Número de vocábulos/ocorrência
1ª	6/16	1ª	18/60
2ª	9/20	2ª	43/162
3ª	3/6	3ª	23/78
4ª	12/28	4ª	19/38
Total	30/70	Total	103/338

Quadro 20 – Quantidade de erros ortográficos em verbos: de -am > -ão na escola pública e particular distribuídos por série
Fonte: BATALE

Tendo em vista o Quadro 20, observa-se que tais dados são mais recorrentes dentre todos os processos vistos até agora. Além disso, percebe-se que há maior incidência deste tipo de erro na escola particular que na escola pública.

Esses números evidenciam que também para a escola particular a grafia do ditongo nasal traz dificuldade pela assimetria existente entre os planos fônico e gráfico, mas o tipo de escolha gráfica observada neste grupo remete a formas que coincidem com a variante prestigiada, isto é, aquela em que o ditongo e a nasalidade são produzidos. Este erro pode ser visto em contraponto ao erro mais recorrente na escola pública, de *-am > -o*, o qual, conforme já discutido na subseção anterior, indicia variáveis estigmatizadas da língua.

Nos quadros 21 e 22, observam-se os erros de *-am > -ão* nas escolas pública e particular, respectivamente.

Escola pública			
-am > -ão			
1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
comerão (2x) estavão (2x) fiserão (2x) sairão (2x) usão (2x) viverão (6x)	comesarão (4x) estavão (2x) ficação (2x) fiserão (2x) levarão (2x) sejão (2x) unirão (2x) viverão (2x) comesarão (2x)	ficarão (2x) forão (2x) moravão (2x)	apaixonarão (2x) asustão (2x) casarão (2x) chegavão (2x) comião (2x) coseguiãopegar (2x) ficarão (6x) fiserão(2x) juntarão (2x) sairão (2x) sofrerão (2x) tinhão (2x)

Quadro 21 - Erros ortográficos em verbos: de *-am > -ão* na escola pública
Fonte: BATALE

Escola particular			
-am > -ão			
1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
brincarão (2x) cairão (4x) comversarão (2x) corerão (2x) derão (2x) estavão (4x) ficarão (9x) fizerão (2x) forão (6x) ião (2x) pegarão (2x) proipirão (2x) rezouverão (2x) sabião (2x) tião (2x)	acsendião (2x) aprenderão (2x) assustarão (2x) botarão (2x) brincarão (2x) chagarão (2x) chamarão (4x) chegarão (6x) comerão (4x) comesarão (10x) comseguirão (2x) construirão (2x) corerão (6x) costroirão (2x) deixarão (4x)	acordarão (2x) assustarão (2x) brigarão (2x) chegarão (2x) comerão (4x) devorarão (2x) disinão (2x) dormirão (2x) estavão (14x) ficarão (2x) fiserão (4x) ganharão (2x) juntarão (2x) levarão (4x) moravão (2x)	acordarão (2x) apagarão (2x) batião (2x) chamarão (2x) chutão (2x) cumerão (2x) desarrunarão (2x) estavão (2x) ficarão (2x) ficavão (2x) fizerão (2x) forão (2x) ião (2x) passarão (2x) resolverão (2x)

tinhão (2x) virão (2x) viverão (10x)	despararão (2x) discutirão (2x) diserão (2x) embararão (4x) encontrarão (2x) erão (2x) estavão (2x) falão (4x) ficarão (4x) fizerão (10x) forão (14x) fugirão (2x) levarão (2x) mau tratarão (4x) odiavão (2x) pegarão (6x) prepararão (2x) querião (6x) resolverão (2x) sabião (2x) sairão (4x) siolharão (2x) sivrão (2x) tiverão (2x) vierão (2x) virão (6x) viverão (14x) vorão (2x)	querião (4x) respeitarão (2x) saião (4x) tavão (2x) tinhão (8x) tiverão (2x) viverão (6x) voltarão (2x)	revoltarão (2x) riscão (2x) tinhão (2x) voerão (2x)
--	---	--	--

Quadro 22 - Erros ortográficos em verbos: de -am> -ão na escola particular
 Fonte: BATALE

Ainda em relação aos erros de -am > -ão, a seguir (cf. Figura 19), observa-se um excerto de um texto em que há a ocorrência da alteração gráfica.

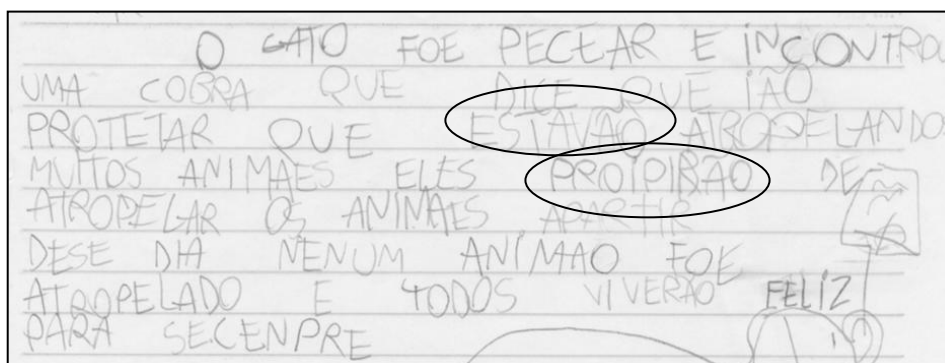


Figura 19 - Excerto do texto com palavras de -ão > -am
 Fonte: BATALE

É importante lembrar que a língua portuguesa se serve da nasalidade para representar flexões verbais distintas: -am para pretérito (perfeito, imperfeito e mais-

que-perfeito) e *-ão* para o futuro, ambos no modo indicativo. Com isso, a operação exigida da criança neste momento de escrita é complexa, pois ela precisa relacionar o elemento morfossintático com o elemento fonológico, juntamente com a norma de escrita. Tal complexidade fica evidente nos dados e na variedade de hipóteses que a criança utiliza para resolver esta questão que envolve o ditongo.

De acordo com Zorzi (1998, p. 62-63), em tais grafias, não estão envolvidas apenas questões referentes ao tempo verbal. Segundo o autor, nos dados, a oralidade apresenta um papel considerável, ou seja, as crianças, ao grafarem as palavras, podem ser influenciadas pela análise fonética que fazem da língua falada. Não obstante, o estudioso reforça que, do ponto de vista fonético, ao reproduzirmos, na fala, as formas “começaram” e “começarão”, não há uma diferença entre os sons que compõem tais formas.

Para Zorzi (1998, p. 63), os fonemas produzidos em ambos os casos são os mesmos ([ãwN]), porém, na escrita, será grafado como “*-ão*” quando se tratar de uma palavra oxítona (tonicidade na última sílaba) ou será grafado como “*-am*”, quando se tratar de uma palavra paroxítona (tonicidade na penúltima sílaba). Logo, “*ão* e *am* são letras que correspondem a sons idênticos, sendo que, do ponto de vista fonêmico, seu papel é o de marcar as diferenças de tonicidade das palavras”.

No caso dos verbos terminados em “*-am*” e “*-ão*”, a criança precisa aprender a reconhecer quando empregar uma forma de escrita ou outra, aprendendo a reconhecer o contexto em que a grafia *-am* ou *-ão* deve ser aplicada. Este fato acarreta, também, na dificuldade da grafia correta no contexto em questão. Ainda, na fala, os falantes do PB tendem a utilizar locuções verbais para remeterem-se ao futuro, fazendo pouco uso do verbo flexionado no futuro, como por exemplo, utiliza a locução “eles vão fazer” em detrimento de “farão”.

Com tais dados, também se observa que a língua portuguesa, em certos casos, não apresenta uma relação unívoca entre sons e letras, ou seja, uma letra poderá apresentar sons distintos e vice-versa. Isso traz questões complexas em relação à grafia de palavras, já que abre possibilidades para que uma mesma letra represente sons distintos e sons distintos representem letras diversas.

Zorzi (1998) traz questões pertinentes em relação aos erros cometidos na grafia de crianças de séries iniciais. Dentre eles, afirma que

o fato de haver diferenças entre os modos de falar e os modos de escrever, isto é, por não termos uma escrita que espelhe a oralidade, acabe

produzindo uma segunda grande área de conflitos e, portanto, de possibilidades de erro (ZORZI, 1998, p. 92).

Sob o ponto de vista da variação, conforme já citado na análise dos erros de *-am > -o*, tem-se a análise de Bortoni-Ricardo (2004; 2005) para a variação do PB. É por meio de contínuos que a autora situa e organiza dados de variação, trazendo um ponto de vista interpretativo para situações comunicativas.

4.1.3 Dados de outras grafias

Por fim, há, na presente pesquisa, os dados que se enquadram na categoria “outras grafias”. Estes dados constituem aqueles terminados em ‘-as’, ‘-ar’, ‘-al’ e ‘-er’. A fim de manter a organicidade do presente estudo, que busca agrupar categorias por meio de possíveis semelhanças apontadas a partir dos dados e da análise feita, serão agrupadas as terminações ‘-ar’, ‘-er’, ‘-as’ e ‘-al’ (cf. Quadro 23).

Escola pública				
Verbo				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-am > -ar			<i>casarar (1x)</i>	<i>falarar (1x)</i> <i>ficarar (1x)</i>
-em > -er		<i>foser (1x)</i>		
-am > -as		<i>conseguiras (2x)</i>		
-am > -al				<i>viveral (1x)</i>
Total		2 vocábulo 3 ocorrência	1 vocábulo 1 ocorrência	3 vocábulos 3 ocorrências

Quadro 23 – Erros ortográficos em verbos: de *-am > -ar*, *-em > -er*, *-am > -as* e *-am > -al* na escola pública

Fonte: BATALE

No desenvolvimento dos processos de aquisição da escrita, o sujeito recorre aos conhecimentos que já detêm acerca de sua língua, baseados na fonologia e, com isso, relaciona-os com a escrita. Assim, o saber internalizado que já se faz presente antes do período escolar reflete nas práticas de escrita, propiciando um cruzamento de informações pertencentes aos dois sistemas.

Embora, inicialmente, os conhecimentos fonológicos sejam o eixo central para as produções escritas das crianças, conforme o avanço das práticas de letramento, ocorre uma mudança no processo de escrita. Assim, serão as

informações e os conhecimentos obtidos por meio do letramento que influenciarão nas escolhas gráficas. De acordo com Miranda (2012), fonologia e ortografia mantêm uma relação de interdependência, isto é, as informações fonológicas auxiliam para a produção gráfica e vice-versa (Figura 20).

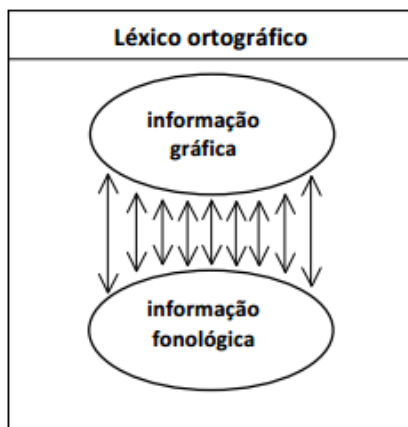


Figura 20 - Informação gráfica e informação fonológica
Fonte: MIRANDA, 2012, p. 7.

A primeira observação que pode ser feita a respeito destes dados que parecem inusitados é referente ao fato de as crianças terem usado grafemas que efetivamente podem ocupar o lugar de coda na língua ('r', 's', 'l' e nasais). São terminações possíveis nas palavras do português, o 'r', o 's' e o 'l'. No caso das palavras grafadas com 'r' em vez de 'm', foram observadas, dentre os dados levantados para o presente estudo, a ocorrência do vocábulo "*foser*" (fossem) "*casarar*" (casaram), "*falarar*" (falaram) e "*ficarar*" (ficaram). Há, no dado "*foser*", por exemplo, a informação fonológica, [ˈfosẽ] que, foneticamente, realiza-se como [ˈfosi], já que há, na oralidade, redução da sílaba final. Já na informação gráfica, também por influência da oralidade, a escrita dos vocábulos comer [ˈkomeɾ] e saber [ˈsabeɾ], por exemplo, podem ser escritas na forma [ˈkome] e [ˈsabe]. Tal análise é válida também para os demais dados de tal natureza, agrupados no Quadro 23.

Assim, considerando os dados em questão, é possível levantar a hipótese de que, por um processo de generalização, as crianças grafaram os verbos supracitados com 'r', isso se considerarmos que se trata de um registro presente apenas na escrita e não nas formas orais produzidas pelos falantes. Dito de outra forma: se no infinitivo não se ouve a consoante final e ela é apenas uma entidade da escrita, em uma forma como [ˈfosi], referente à palavra 'fossem', a marca gráfica

poderia perfeitamente ser o 'r', por analogia e sem que se leve em conta o fato de haver uma mudança na posição do acento, do mesmo modo como as crianças não consideraram a diferença entre as formas terminadas em '*am*' e '*ão*'.

De acordo com os dados da classe dos verbos recém mostrados é possível perceber que as crianças lançam mão de diferentes estratégias para registrar graficamente uma forma cuja complexidade fonológica (cf. Bisol, 1998) se sobrepõe a certa simplicidade ortográfica exibida pelo sistema de escrita, especialmente se for considerado o fato de o 'm' ser a terminação mais frequente das formas verbais da língua, sobretudo pela baixa taxa de uso das formas do futuro do presente.

4.2 Nomes

Os nomes que apresentaram mudanças ortográficas em relação ao ditongo nasal foram agrupados, assim como os verbos, conforme mostra o Quadro 22:

Alteração gráfica	Exemplo	Padrão
<i>-im > -il</i>	<i>fil</i>	fim
<i>-im > -el</i>	<i>fel</i>	fim
<i>-im > -is</i>	<i>capis</i>	capim
<i>-im > ir</i>	<i>assir</i>	assim
<i>-im > -e</i>	<i>asse</i>	assim
<i>-gem > -Ø</i>	<i>persona</i>	personagem
<i>-em > -o</i>	<i>lobesomo</i>	lobisomem
<i>-em > -ei</i>	<i>quei</i>	quem
<i>-em > -e</i>	<i>sacanage</i>	sacanagem
<i>-om > -ou</i>	<i>tabou</i>	tá bom

Quadro 24 - Agrupamento dos nomes por categorias
Fonte: Elaboração própria

Em relação aos nomes, percebe-se um conjunto menor de dados que aqueles levantados na classe dos verbos. Além da diferença em relação ao volume de dados, chama atenção também o fato de haver alteração na grafia do ditongo nasal, tanto em sílabas átonas como tônicas.

O levantamento feito por Battisti (2002) nos dados do VARSUL resultou em uma amostra composta por 5.040 verbos e 604 nomes com contextos para a desnasalização, a saber, com a nasalidade em posição átona final. Os resultados mostram que desses totais foram encontradas 2.080 (41,3%) e 366, (60,6%) formas desnasalizadas para verbos e nomes, respectivamente. No caso dos dados de escrita, não se tem elementos para traçar paralelos, pois a computação realizada diz respeito apenas ao foco do estudo que são os erros na grafia do ditongo e não o total de contextos existentes no banco de dados (BATALE). De qualquer forma, é interessante notar que há um conjunto de erros de escrita, especialmente na classe dos verbos, que refletem processos como aqueles observados na fala.

Na categoria de nomes, fez-se, assim como com os verbos, um levantamento acerca das ocorrências e do número de vocábulos, no que se refere às escolas pública e particular. A saber (cf. Quadros 23 e 24, respectivamente):

Escola pública				
Nomes				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-im > -il		fil (1x)		
-im > -el		fel (1x)		
-im > -is		ruis (1x)	capis (2x)	
-im > -ir				assir (1x)
-im > -e			asse (1x)	
-im > -ei	tabei (1x)	nigei (1x)		mei (3x) quei (2x)
-gem > -Ø			persona (1x)	
-om > -ou		tabou (1x)		
Total	1 vocábulo 1 ocorrência	5 vocábulos 5 ocorrências	3 vocábulo 4 ocorrências	3 vocábulos 6 ocorrências

Quadro 25 - Erros presentes nos nomes quanto à série na escola pública

Fonte: Elaboração própria

Escola particular				
Nomes				
	1ª	2ª	3ª	4ª
-im > -is	asis (1x)			
-em > -o			lobesomo (2x)	
-em > -ei	ta bei (1x)			
-em > -e	seconage (1x)			
-om > -ou	tabou (2x)			
Total	3 vocábulos 4 ocorrências		1 vocábulo 2 ocorrências	

Quadro 26 - Erros presentes nos nomes quanto à série na escola particular

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o levantamento acima, percebe-se que, em se comparando aos resultados obtidos relativamente aos verbos, há um número reduzido de nomes escritos em desacordo com o padrão gráfico do PB no que tange à nasalidade em posição final de palavra. Porém, no que se refere à variável tipo de escola, há, na escola pública, maior ocorrência de palavras desnasalizadas, bem como maior número de vocábulos, assim como se observou em relação aos verbos.

Para melhor visualizar os dados relativos aos nomes, o *corpus* foi agrupado de acordo com os processos gráficos ocorridos conforme o quadro:

Outras grafias	-im > -il
	-im > -el
	-im > -is
	-im > -ir
Monotongação	-im > -e
	-em > -o
	-em > -e
Ditongo sem nasalidade	-em > -ei
	-om > -ou

Quadro 27 - Agrupamento dos nomes por categoria

Fonte: Elaboração própria

Os dados, como mostra o Quadro 27, foram agrupados em três categorias: outras grafias; monotongação e ditongo sem nasalidade.

Em relação ao primeiro grupo, ou seja, a outras grafias, percebe-se que a criança, assim como mostraram os dados referentes ao verbo, procura preencher a posição pós-vocálica final com outra consoante; note-se que se trata, via de regra, de uma consoante licenciada pelo sistema para ocupar tal posição. Adamolli (2006) e Miranda (2011), ao estudarem, respectivamente, as grafias de ditongos e de codas nasais mediais, apresentaram dados nos quais as crianças substituem a vogal alta do ditongo por alguma que possa ocupar a posição silábica em questão ou omitem a consoante nasal pós-vocálica. As soluções encontradas por elas são sempre condizentes com o modo de funcionamento da fonologia da língua, já que a criança grafa elementos que são possíveis de ocupar a posição de coda silábica, mantendo a VT.

A seguir, tem-se um exemplo de texto produzido por uma criança de primeira série em que trocas deste tipo são observadas e há uma preferência, na grafia das codas, pelo uso de consoantes nasais, exatamente aquelas que se mostram mais problemáticas durante a aquisição da escrita, conforme já atestado por Abaurre (1988) e Miranda (2011).

O quelho da bousa
O QUELHO DA BOUSA VEMELHO
O QUELHO DA BOUSA VENMELHO E ELE É DA BOUSA VENMELHO
É MUITO BOM E É DA BOUSA E ADORAL MUITO BOM E LEGAU E
FELM E GONTA MUITO BOM O QUELHO DA BOUSA É
BOM E LEGAU E FELM E GOSTOSO

De modo geral, o que se verifica é uma troca que corresponde à desnasalização pela substituição do segmento nasal; porém, é mantido um elemento

na segunda posição da coda, isto é, a consoante final da sílaba, que é licenciada para ocupar tal posição. Assim, é possível pensar que não há relação, nesses casos, com processos de desnasalização tais como observados em outros dados de escrita e também em dados de fala, mas, sim, uma complicação referente ao registro de uma estrutura silábica mais complexa. A criança, embora não escreva conforme a convenção, não vai de encontro ao padrão silábico e estrutural do PB.

Nos casos em que ocorre a monotongação, têm-se: *-im > -e*; *-em > -o* e *-em > -e*. No primeiro caso, em que há apenas uma ocorrência no *corpus*, o vocábulo “asse” para “assim”, pode-se pensar em uma sobreposição de motivos: a monotongação e a desnasalização, nos moldes do que ocorre na oralidade; e a aplicação de uma regra ortográfica supergeneralizada, segundo a qual ouve-se ‘i’ mas escreve-se ‘e’ (MIRANDA, 2008).

Se fosse direta a relação entre ortografia e fonologia, a criança, pelo conhecimento linguístico que possui, deveria manter a forma original da palavra ou, no máximo, suprimir em sua escrita o elemento nasal, já que se trata de uma palavra oxítônica. Ela, no entanto, registra a forma desnasalizada, mesmo que na sílaba tônica, em uma superaplicação da perda de nasalidade e deixa transparecer uma influência do componente letrado sem observar o contexto do acento.

Já os casos em que *-em > -o*, observa-se que há, além da desnasalização, a utilização da letra “o”, a qual não está presente na palavra grafada, que remete a “lobisomem”. Para este caso, pensa-se na hipótese de uma associação feita pela criança no momento da escrita, ligando a palavra à marcação de gênero masculino: para ela, neste momento, lobisomem seria uma representação masculina, logo, associa à letra “o” que, no PB, marca, na maioria dos vocábulos, o gênero masculino.

Por último, a escrita de *-em > -e* é o dado que traz mais forte o eco da oralidade sobre a escrita da criança, pois parece ser um processo de desnasalização, somente. Assim como nos verbos, a criança grava a palavra monotongada, eliminando o ditongo e o elemento nasal que compõem a palavra em questão.

Nos casos em que houve a perda da nasalidade, ou seja, nos processos gráficos de *-em > -ei* e *-om > -ou*, a criança mantém o ditongo presente na estrutura sonora da palavra, porém suprime o elemento nasal. Tais grafias, assim como a de *-em > -e*, apontam para a influência da fala na escrita. A criança, nessas palavras,

ouve a forma da vogal seguida de uma semivogal junto a um elemento nasal, ela grafa duas vogais juntas que, na fala são produzidas de outra forma, suprimindo o elemento nasal, devido à dificuldade de escrita deste elemento, conforme supracitado na análise dos verbos.

De acordo com o levantamento feito por Battisti (2002) em relação a estudos prévios que abarcam a nasalidade, a autora enfatiza que “ser átona é uma espécie de condição para a redução” em dados de fala (BATTISTI, 2002, p. 186). No caso da escrita, como podemos ver, há outros fatores envolvidos. Além dos efeitos do conhecimento fonológico sobre as escolhas gráficas, observa-se também a influência de conhecimentos relacionados às práticas de leitura e escrita das crianças, as quais, embora não estejam em foco neste estudo, não podem deixar de ser mencionadas.

A partir da análise feita, baseada nos erros em relação à nasalidade na escrita inicial de crianças, observa-se que as motivações são distintas para que ocorra o erro, assim como nos verbos. Ainda, ao compararem-se as duas categorias, observa-se que cada classe de palavra – verbos e nomes – demanda um tipo de agrupamento, já que se trata de palavras com diferentes classes morfológicas e diferentes alterações gráficas produzidas pelas crianças.

No cômputo geral, a maior concentração de erros, em se considerando o tipo de escola, foi encontrado na escola pública, na quarta série, onde, embora haja menor número de vocábulos distintos, há maior ocorrência de palavras com desnasalização. Já na escola particular, a primeira série detém maior número de vocábulos, bem como de ocorrências. Em relação à variável série, na escola pública, por exemplo, percebe-se que tanto nomes quanto verbos ocorrem com maior número na segunda série, indicando que há, nessa etapa, pouco tempo de escolarização, o que pode estar apontando para a possibilidade de que a criança construa suas hipóteses de escrita, neste período, ainda muito atrelada a aspectos da fala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa apresentou a descrição de dados referentes à grafia dos ditongos nasais em posição final de palavra em textos produzidos espontaneamente por crianças de primeira a quarta séries do ensino fundamental da cidade de Pelotas/RS. Por meio dos resultados obtidos baseados em uma análise qualitativa, buscou-se contribuir para a compreensão a respeito do processo de aquisição gráfica desses grupos de palavras e, por consequência, oferecer subsídios para a discussão acerca de seu status no português brasileiro. Assim, os resultados analisados e discutidos no capítulo precedente permitiram se chegar a algumas considerações acerca da representação gráfica dos ditongos nasais finais, as quais, agora, serão apresentadas resumidamente.

Com este estudo, pôde-se observar reflexos do que Battisti (2002) apontou em relação à redução dos ditongos nasais átonos na fala do sul do Brasil. Para a autora, o grau de escolaridade mostrou-se fator relevante para a desnasalização, o que pode também ser observado nos dados de escrita inicial, em sua maioria, provenientes dos textos produzidos pelas crianças da escola pública. Ainda, nesta pesquisa, a fim de vislumbrar a nasalidade do ditongo em dados de escrita inicial observou-se que, nos resultados referentes à manutenção da nasalidade em desacordo com a norma da língua, há maior incidência na segunda série.

Em relação à forma como a nasalidade é representada nos dados, os resultados obtidos indicam que, nos casos de outras grafias, principalmente, as crianças podem apresentar dificuldades para compreender que a escrita é um sistema de representação, o que faz com que grafem a coda silábica com algum elemento passível de ocupar tal posição. Assim, há uma possível relação entre fala e escrita, porém, não é unânime tal associação, embora, em determinados casos,

seja possível observar que a criança esteja, realmente, apoiando-se na fala para grafar as palavras de forma espontânea.

No que se refere às conclusões específicas, pode-se afirmar que:

- Comparando-se o comportamento dos ditongos nasais em posição final de palavra, nos textos infantis analisados, pôde-se constatar que há diferentes processos envolvidos. Dentre eles, os mais recorrentes são a desnasalização em verbos, quando há troca de *-am* para *-o*; e a manutenção da nasalidade, quando há troca de *-am* para *-ão*.

- A classe gramatical (verbo ou nome) parece influenciar na ocorrência do fenômeno analisado, uma vez que, na escrita inicial, se observa que os verbos sofrem mais o processo do que nomes. Na fala de adultos, conforme o estudo de Battisti (2002), há predominância de desnasalização em nomes que, embora apresentem menor ocorrência, aparecem desnasalizados na maioria das vezes. Nesta pesquisa, mostrou-se que os verbos apresentam maior ocorrência de desnasalização, assim a escrita inicial difere-se da fala no que tange à classe de palavra.

- A variável *tipo de escola* mostra-se como evidência de um processo de influência letrada, uma vez que as crianças de escola particular tendem a manter a nasalidade nos verbos, mesmo que de forma inadequada, como no caso de *-am* para *-ão*. A escola pública, ao contrário, desnasaliza os verbos, grafando *-o* em detrimento de *-am*, apontando para uma variável estigmatizada de língua oral. No que se refere à série, a maior concentração de dados dá-se na 2ª série, conforme já observado por Cunha, 2004; Miranda et al., 2005; Miranda, 2012, 2013. Provavelmente, isso ocorra devido ao fato de as crianças, principalmente as da escola pública, terem acesso mais restrito a práticas sistemáticas de leitura e escrita antes do ingresso na escola e, por isso, produzirem escritas alfabéticas mais tardiamente.

- A partir da análise dos erros encontrados nas produções textuais de crianças em fase de escrita inicial, acredita-se que tais resultados possam contribuir para as discussões fonológicas acerca da escrita e da fonologia que envolvem os ditongos nasais em final de palavra, uma vez que os resultados obtidos revelam hipóteses acerca do que as crianças, em fase de aquisição da escrita, fazem ao escreverem textos de forma espontânea. Tais hipóteses revelam questões

concernentes tanto ao sistema gráfico quanto ao escrito, propiciando uma reflexão acerca de tais dados que envolvem a nasalidade.

Além das conclusões acima, pensa-se, também, que Ferreiro e Teberosky (1999), embasadas na teoria piagetiana no que se refere à concepção de sujeito durante o processo de aprendizagem, ou seja, a visão de que a criança é ativa no processo de construção da escrita, pode ser ratificada por meio dos resultados obtidos neste estudo. Ao valerm-se de estratégias para grafar os ditongos, constatadas no presente estudo, principalmente nos casos de *-am* > *-ão* e de *-am* > *-o*, as crianças revelam sua competência linguística na tentativa de apropriar-se das regras ortográficas do português por elas já aprendidas.

Em relação à ação pedagógica, este estudo representa uma contribuição importante ao trabalho dos professores responsáveis pela alfabetização, uma vez que, percebidos os erros mais comuns envolvendo os ditongos nasais, como a manutenção desses ou a supressão, ambos em desacordo com o padrão da língua, podem dar um tratamento diferenciado aos alunos. Tendo em vista a motivação do erro, o professor apresenta subsídios para enfocar o erro, elaborando exercícios específicos que visem, primordialmente, à superação das dificuldades relativas à grafia dos ditongos nasais.

Mesmo que esta dissertação seja um ponto de partida para outras pesquisas mais aprofundadas acerca do processo de aquisição gráfica dos ditongos nasais em posição final de palavra, espera-se que possa auxiliar para a realização de novos estudos sobre as relações existentes entre o sistema da língua e o sistema ortográfico do português. Espera-se, também, que sirva de ferramenta para professores, pesquisadores e interessados nessas áreas, dispostos para compreender o período de aquisição que é tão importante e evidenciado, principalmente, pela complexidade da apropriação em relação ao sistema escrito.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Posfácio - A aquisição da escrita do português: considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, Roxane. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. pp. 205-232.

_____. Horizontes e Limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. (org): **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. **O que revelam textos espontâneos sobre a representação que faz a criança objeto escrito?** In: KATO, Mary. A concepção da escrita pela criança. 3 ed. Pontes: São Paulo, 2002.

_____. A relação entre escrita espontânea e representações linguísticas subjacentes. **Verba Volant**, v. 2, n 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

ADAMOLI, Marco Antônio. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

AMARAL, Luís Isaías Centeno do. Marcadores linguísticos de identidade de gênero e sua relação com a adesão escolar. In. XXIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. Santa Catarina. **Anais**. 2014.

BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos**: uma abordagem baseada em restrições. 1997. 181 f. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____. A redução dos ditongos nasais átonos. In BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2002.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 3 ed. São Paulo: Harbra, 1986.

BLANK, Marceli Tessmer. **Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)**. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

BISOL, L. O sândi e a ressilabação. In: BISOL, L. (org.). **Letras de hoje**. Porto Alegre, 1996, v. 31, n. 2, pp. 159-168.

_____. A Nasalidade, um velho tema. **D.E.L.T.A.** v. 14. 1998, pp. 27-46.

_____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BOPP DA SILVA, Taís. **A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul**. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegue na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. **Todos pela Educação**, 2006. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/institucional/quem-somos/>>. Acesso em: 28 out 2013.

BRASIL. **44,5% dos alunos do 3º ano têm proficiência adequada em leitura**. 2013. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/27340/445-dos-alunos-do-3-ano-tem-proficiencia-adequada-em-leitura/>>. Acesso em: 28 out 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização**. In: ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas. São Paulo: Mercado de Letras: 1998.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CÂMARA JR., Mattoso. **Análise Fonológica**: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas SP: Mercado das Letras, 2002.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 44 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Mass.: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

CUNHA, Ana Paula Nobre da. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artemed, 1999.

GARCIA, Daiani de Jesus. **A influência da oralidade na escrita das séries iniciais: uma análise a partir de erros ortográficos**. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

GUIMARÃES, Marisa Rosa. **Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). UFPel, Pelotas, 2012.

GUY, Gregory. Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history. Universidade de Pennsylvania: 1981, **(Tese de doutorado)**.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KIPARSKY, Paul. Some consequences of lexical phonology. In: **phonology Yearbook**. v. 2, p. 85-138, 1985.

MIRANDA, Ana. Ruth Moresco. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: Regina Ritter Lamprecht. (Org.). **Aquisição da linguagem**: estudos recentes no Brasil. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, v. 1, p. 263-276.

_____. **A aquisição ortográfica das vogais do português**: Relações com a fonologia e a morfologia. Santa Maria, Revista Letras, 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r36/artigo7.pdf>. Acesso em: 18 jan 2013.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; CUNHA, Ana Paula Nobre da. Índícios de reestruturação do conhecimento fonológico da criança em dados de reparo na escrita inicial. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 48, n. 3, p. 343-354, jul/set 2013.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Aquisição da fala e da escrita: relações com a Fonologia. **Cadernos de Educação**. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel. p. 359-405, jan/abr 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1998.

MORAES, João Antônio de; WETZELS, W. Leo. **Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português**. Um exercício de fonologia experimental. Cad.Est.Ling., Campinas, (23): 156-166, jul./dez. 1992.

NEY, Luanda Alvariza Gomes. **Acentuação gráfica na escrita de crianças de séries iniciais**. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Rio de Janeiro: Editora Vozes: 1972.

_____. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

_____. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Taís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SCARPA, Ester. **A aquisição da linguagem: brevíssimo histórico e abrangência.** In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2 ed. v. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHWINDT, Luís Carlos; BOPP DA SILVA, Taís. Panorama da Redução da Nasalidade em Ditongos Átonos Finais no Português do Sul do Brasil. In: BISOL, Leda; Collischonn, Gisela (Orgs.) **Português do sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Capítulo 1, p.13-33.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Verbal behavior**. New York: Appleton – Century – Crofts, 1957.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TERZI, Sylvia Bueno. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In KLEIMAN, Ângela. B. (org.) **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

VOTRE, Sebastião Josué. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: 1978, **(Tese de doutorado)**.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico**. Porto Alegre: Artmed, 1998.